MULHERES OCUPAM

UM OLHAR PARA AS MOVIMENTAÇÕES FEMININAS NA CIDADE



BEATRIZ BRUNIALTI JUSTO


@PROJETOFLUTUA
VIVER E DEIXAR VIVER - ARTE DE RUA CONTRA O ÓDIO
FORA
BOLSONARO GENOCIDA
DJROGER

MULHERES OCUPAM

UM OLHAR PARA AS MOVIMENTAÇÕES FEMININAS NA CIDADE

Beatriz Brunialti Justo

Orientador: Adriano Tomitão Canas
Co-orientador: Patricia Osses

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Uberlândia.

Uberlândia
2022

AGRADECIMENTOS

Conquistar uma graduação em uma universidade federal no Brasil é uma caminhada de muitas concretizações e desafios. E isso não seria possível sem as inúmeras pessoas que cruzaram meu caminho até aqui, que me fizeram e fazem melhor e que são parte de minha história.

Agradeço aos meus pais e irmã, Antonio, Carmen e Gabriela, pelo apoio incodicional;

aos meus orientadores, Adriano e Patrícia, pelos ensinamentos e cuidados durante o desenvolvimento deste trabalho;

as mulheres que estiveram comigo durante essa trajetória, Isabela pelo companheirismo e paciência; Marina e Maisa, amigas-irmãs que a vida me deu; as mulheres flutua, Lara, Luiza e Isadora, pelos trabalhos e afetos compartilhados; e a todos amigos e amigas que estão a minha volta e me dão força;

as mulheres que resistem ocupando nas cidades e colaboraram para este trabalho.

Às mulheres que lutaram, às que lutam e às que irão lutar pelo seu espaço, seja na cidade, na sociedade e em suas vidas pessoais.

Às que resistem.

“Eu não sou livre enquanto alguma mulher não o for, mesmo quando as correntes dela forem muito diferentes das minhas” - Audre Lorde



RESUMO:

A cidade é resultado de um conjunto de espaços, que são ocupados por diversas pessoas, com diferentes identidades, características, vivências, cada qual tendo vital importância em sua construção e dinâmica. Essa mistura possibilita o encontro das diferenças, a expressão da cultura e as mais diversas intervenções no urbano, mas também coloca em pauta as desigualdades e discrepâncias dos territórios . Com essa perspectiva para o território da cidade, foi definido o objeto de estudo deste trabalho: olhar para os espaços da cidade e sua cultura, com foco nas intervenções efêmeras nos espaços públicos e as formas de resistência que surgem das margens a partir de uma perspectiva de gênero, ou seja, quem são e como as mulheres estão intervindo e deixando marcas na cidade. Tal delimitação se dá pelo fato de que as intervenções nos espaços públicos são possíveis de acontecer em diversos espaços da cidade, centro e margem são modificados e ocupados por intervenções e resistências urbanas. Dentro disso, essas reflexões partem de mulheres que se colocam na posição de refletir sobre o mundo através da arte, produzindo um conhecimento orgânico que vem sendo considerado como reflexo das novas resistências culturais (FESLER; SELDIN, 2018). O contato com essas figuras femininas que atuam na cidade de Uberlândia faz parte do resultado dessas colocações. Ver, ouvir, praticar em conjunto, experienciar a cidade e documentar formas de atuação no território permite a análise e reflexões sobre esses tipos de ocupação e como elas são transformações urbanas para a cidade contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE:

Cultura; Direito à cidade; Mulheres; Ocupação.

SUMÁRIO

00

Introdução 12

01

Contexto | Cultura e Espaços Públicos 16
Cidade, cultura e espaço público 17
Direito à cidade e à cultura 20
Intervenções no espaço público e territórios de resistências 27

02

Ação | Mulheres produtoras de transformação 32
O corpo feminino 33
Mulheres que ocupam a cidade 36
Transformações e resistências 39

03

Práticas | Intervenções e experimentações 48
Mulheres e Uberlândia 49
Práticas no território 53
Território ocupado 66

04

Ocupações | Mulheres na cidade 76
Prática 77
Ocupação feminina como transformação urbana 80
Cidades vivíveis 102

05

Referências 104

00

INTRODUÇÃO

"... o que vemos quando os corpos se reúnem em assembleia nas ruas, praças ou em outros locais públicos é o exercício - que se pode chamar de performativo - do direito de aparecer, uma demanda corporal por um conjunto de vidas mais vivíveis." (BUTLER, 2015, p. 31)

A citação de início carrega em si muito do significado e das vontades por trás do desenvolvimento deste trabalho, olhar para quem está nos espaços da cidade **reivindicando seu direito de ocupá-la**. É fato que o espaço urbano é um dos locais em que as desigualdades são expostas, quem está nas ruas e nos espaços públicos e as formas que esses corpos ocupam tais lugares dizem muito sobre quem tem poder e quem está à margem da sociedade. Mas também, é o espaço em que o exercício da cidadania e a reivindicação pelo direito de estar nos lugares é colocado com mais intensidade, está associado aos conceitos de liberdade, de expressão e de interação afetiva e simbólica (FESLER; SELDIN, 2018).

A trajetória como estudante de arquitetura e urbanismo permitiu que a imagem da cidade ganhasse novos significados e possibilidades, a relação entre a cidade e as pessoas e as interações que esses dois fatores em conjunto permitem foram ganhando novos sentidos durante esse percurso. Olhar para as conexões possíveis entre a rua e os espaços públicos possibilitou ver a potência que a cidade pode ter para seus moradores, mas, ao mesmo tempo, ver as desigualdades expostas no planejamento da cidade fez com que o desejo de atuar no espaço da cidade se manifestasse. É quando a potência do que poderia vir a ser os espaços da cidade se junta com a vontade de ver essa mudança.

Pessoas que trabalham e lutam por realidades mais vivíveis possibilitam mudanças de realidades nos locais que atuam e são essas transformações que interessam a esta pesquisa. Olhar para quem proporciona que a cidade se potencialize por meio da cultura e do direito de ocupar os espaços da cidade; para quem entende que é necessário se posicionar no urbano por vidas mais democráticas e justas; para aquelas que não são lembradas no momento de planejar as cidades, mas vivem elas todos os dias.

Aliadas a essas motivações, as experiências vividas tanto na graduação quanto paralelamente também fazem parte da escolha desse tema e das reflexões que serão feitas. A experiência de ser mulher no espaço urbano e na sociedade é uma delas, estar na cidade sendo mulher carrega em si um peso e certa coragem. **Uma reivindicação diária pelo direito de estar no espaço da cidade e o desejo de viver a cidade de forma mais livre** e sem intercorrências guiam as reflexões e motivações que serão abordados no desenvolvimento dessa pesquisa.

Além disso, a experiência de conseguir atuar e intervir na cidade durante os últimos 4 anos possibilitou uma visão do que a cidade pode vir a ser quando os espaços públicos, a cultura e a arte possibilitam outras expressões e vivências de um espaço. Isso se deve, em grande parte, à atuação dentro da FLUTUA que iniciou seus trabalhos em 2018. É um coletivo que trabalha com oficinas educativas e estruturas infláveis feitas de resíduos plásticos em escolas, universidades, comunidades em situação de vulnerabilidade e eventos de artes, arquitetura e urbanismo, design e entretenimento. Desde o princípio o objetivo do coletivo era de estar em contato com a cidade e seus espaços públicos e, por isso, muitas das atividades foram em praças e espaços da cidade, o que possibilitou ver a potência que a mistura de pessoas em um espaço público pode permitir. A experiência das instalações efêmeras misturadas aos espaços da cidade e as pessoas proporciona que a cidade ganhe mais ludicidade, diversão e tenha espaços de qualidade, mesmo que por determinado período de tempo.

Com essas influências e motivações foram definidos os objetos de estudo deste trabalho: olhar para os espaços da cidade e sua cultura, com foco nas intervenções efêmeras nos espaços públicos e as formas de resistência que surgem das margens a partir de uma perspectiva de gênero, ou seja, quem são e como as mulheres estão intervindo e deixando marcas na cidade. A partir dessa delimitação o trabalho é dividido em 4 capítulos, contexto, ação e práticas.

Em contexto, é colocado em perspectiva as cidades e seus espaços públicos e como a cultura faz parte desses locais, como que a diversidade da cidade é permeada pelas diferentes culturas que existem e como o direito de estar na cidade e expressar as culturas deveriam fazer parte do cotidiano da sociedade. Junto a isso, é colocada a existência e possibilidades de intervenções no espaço público e também como essas formas de reivindicar a cidade e a cultura transformam alguns lugares, chamados neste trabalho como territórios de resistência. Olha-se para contextos em que a cultura permite reivindicações de cidade e resistências diárias pelo direito de viver a cidade e a cultura em sua totalidade. Pensando não só nos territórios centrais, mas também nas margens da cidade, utilizando os conceitos de Milton Santos, espaços opacos e luminosos, para visualizar como essas resistências e intervenções conseguem deixar marcas nas cidades.

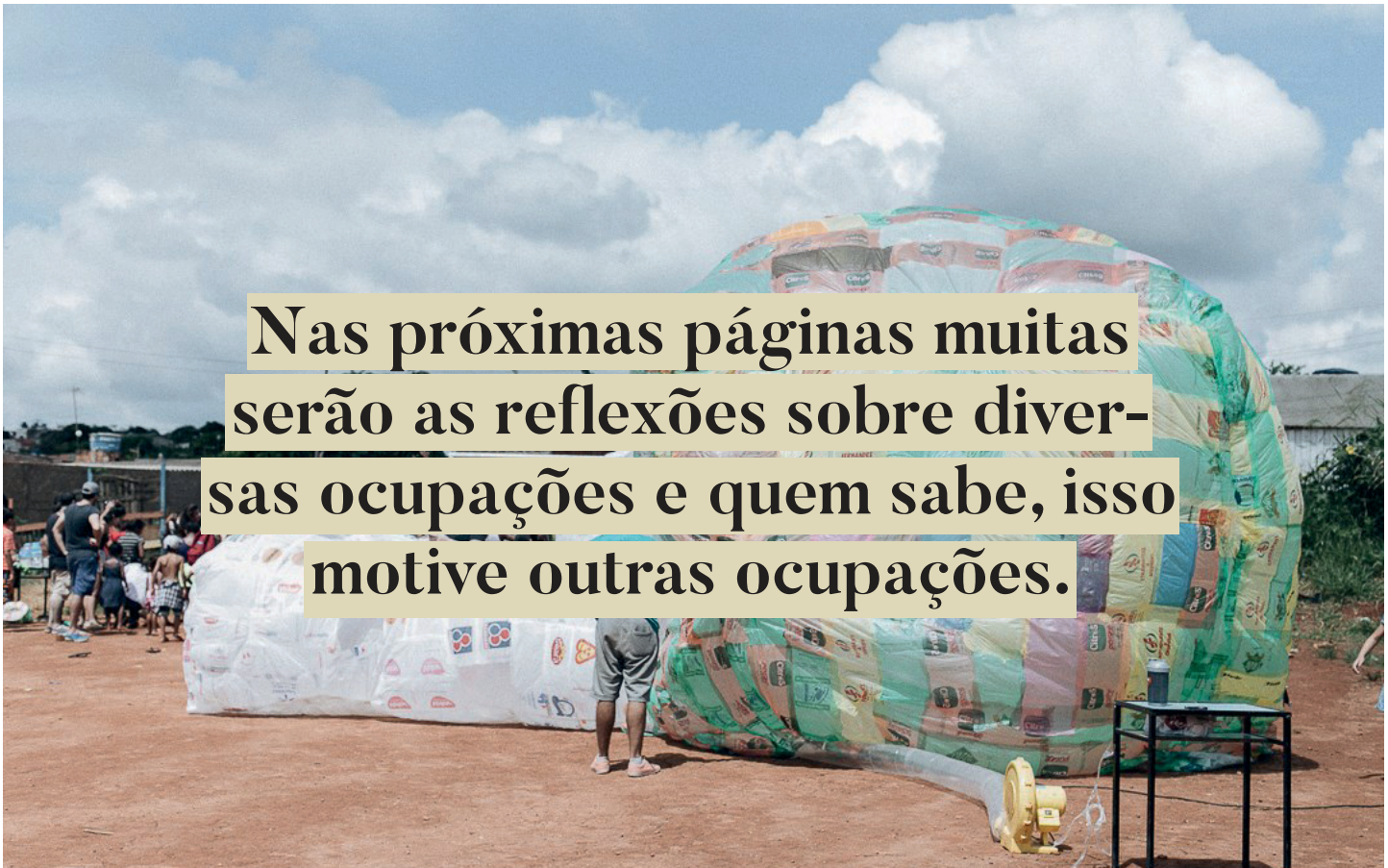
O segundo capítulo, ação, aborda sob uma perspectiva de gênero, como as mulheres estão ocupando as cidades e possibilitando transformações a partir de suas iniciativas e resistências diárias. Olhando também para as conquistas já alcançadas na presença da mulher na cidade e como hoje, por mais que avanços tenham sido realizados, as dificuldades ainda são muitas de se estar com liberdade no urbano. Exemplos de reivindicações pelas ruas, pelas comunidades e pela cidade são abordados, e por isso o nome ação, para mostrar os movimentos de mulheres que existem na América Latina e no Brasil. Foram escolhidas algumas dessas mulheres e movimentos para essa amostra-

gem, mas com a certeza de que existem muitas resistindo e reivindicando seus direitos e desejos nas cidades.

Para o terceiro capítulo, o nome práticas é escolhido por iniciar uma aproximação com o território de estudo específico, a cidade de Uberlândia. É nesse território que as práticas das mulheres nos espaços foram pesquisadas com mais esmero, analisando como é a perspectiva e luta feminina na cidade e quem são as mulheres que estão se movimentando para estarem nos espaços públicos com as intervenções e as resistências que surgem da margem. Para isso, conversas e aproximações com as mulheres que atuam na cidade foram se desenvolvendo durante o processo, para que fosse possível reconhecer quem são algumas delas e como estão atuando e transformando a cidade em realidades mais vivíveis. Assim, reflexões e análises foram sendo feitas, olhando para a **cidade como um organismo que está em constante mudança** a partir da alteração de perspectiva do olhar. Formas de intervir e de fazer arte na cidade foram se mostrando presentes em vários territórios e comunidades, permitindo ver que a cidade possui manchas de intervenções e explorações da mesma.

Pensar a palavra ocupar nos seus mais diversos significados faz parte das reflexões que serão colocadas a seguir, em como a cidade é ocupada, como seus espaços são sentidos, como quem está na cidade a ocupando e como ocupações podem modificar dinâmicas e territórios. Palavra essa que nomeia o último capítulo, o qual mostra as práticas realizadas na cidade durante o desenvolvimento do trabalho, dando novas ocupações a espaços da cidade e permitindo que práticas se tornem ferramentas de transformação urbana e ocupações na cidade.

Instalação FLUTUA. Imagem: Felipe Vianna, arquivo flutua.



Nas próximas páginas muitas serão as reflexões sobre diversas ocupações e quem sabe, isso motive outras ocupações.

01

CON-
TEX-
TO

CULTURA E ESPAÇOS PÚBLICOS

CIDADE, CULTURA E ESPAÇO PÚBLICO

Cidade, por definição, é um aglomerado de pessoas em determinado espaço que possui ambientes construídos para diversos usos (residenciais, comerciais, culturais, industriais). Pessoas em um mesmo espaço conversam, se encontram, se relacionam e trocam experiências, ou seja, **cidade pode ser o local do encontro, que possibilita a experiência humana**. Encontros esses que geram comportamentos, trocas de conhecimentos, de costumes, expressão da cultura, de determinado grupo social, de determinada região, de determinado indivíduo.

> **A cidade não é o lugar do consenso, é o lugar do encontro com a diferença, onde as várias opiniões, opções e os jeitos de ser convivem e criam um ambiente fertil e criativo. Um ambiente de encontro com situações e modos de viver inusitados, que divergem do nosso próprio modo de viver. É nesse contato com a diferença que podemos crescer, respeitar e experienciar processos que nos deslocam também sujeitos dos acontecimentos (CAMPBELL; TERÇA-NADA, 2014, p.6).**

Como expressado por Brígida Campbell (2014) e Marcelo Terça-Nada (2014), a cidade é o lugar de encontro de opiniões, onde as pessoas compartilham seus modos de viver e sua cultura umas com as outras. **A cidade é o ponto máximo de concentração de cultura de uma comunidade** (FESLER; SELDIN, 2018), a combinação entre as manifestações culturais e o urbano moldam e modificam a dinâmica do espaço, por isso a cultura integra a cidade de forma ativa, como um dos seus elementos constitutivos (GORELIK; PEIXOTO, 2019).

No território da cidade, os espaços públicos têm o potencial de ser reflexo desse local de encontro e da experiência que a cidade proporciona. Pode ser o lugar de diferentes manifestações, experimentações, o local mais potente de emergências culturais. Pode e deve ser o espaço da cidade que é democrático, amável, acolhedor e criativo.

> **O espaço público hoje é um conjunto de comportamentos que cristalizam em um lugar que não tem necessariamente uma natureza jurídica pública, embora tenha a capacidade de oferecer a seus habitantes potenciais o marco para um ato de compartilhar coletivo, mesmo que temporário (LA VARRA, Op cit., p.13.).**

As ruas, praças, calçadas, parques, becos, resíduos de planejamento urbano são exemplos desses espaços públicos, que podem possibilitar o local do encontro, da ação, da mistura entre pessoas, cultura e cidade. Mas, para isso, esses espaços precisam ter minimamente algumas características físicas atrativas para que as pessoas desejem permanecer nesses lugares. Caso contrário, os espaços públicos da cidade acabam sendo apenas lugares de passagem, conexão, recortes esquecidos de uma cidade que passa a viver coletivamente apenas em seus ambientes privados e dentro de cada comunidade/grupo social.

> **O meio ambiente construído contemporâneo contém cada vez menos espaços públicos significativos, e o espaço público existente é cada vez mais controlado por várias formas de vigilância e cada vez mais investido de significados privados (ELLIN, 1997. p. 36.).**

As características físicas que podem atrair pessoas para um espaço público vão desde a qualidade do piso, do sombreamento dos espaços, das possibilidades de atividades, dos locais de descanso que esses espaços podem proporcionar, até a sua acessibilidade dentro da cidade. Há também características temporárias que podem atrair as pessoas para determinados espaços, por exemplo, um show em uma praça, uma intervenção de arte na rua, uma oficina infantil em um parquinho, são atividades que também possibilitam o encontro e reforçam a natureza pública desses lugares contribuindo para promover qualidade a esses espaços.

Hoje, isso acontece em poucos dos espaços públicos e, quando acontecem, estão localizados, em sua maioria, como nomeado por Milton Santos, nos "espaços luminosos" da cidade, ou seja, os espaços dotados de informação, infraestrutura, racionalidade e visibilidade (FESLER; SELDIN, 2018). Já os "espaços opacos" da cidade, que são os espaços onde habitam, circulam e sobrevivem às classes economicamente não hegemônicas (FESLER; SELDIN, 2018), ficam na maioria das vezes deixados de lado, seus espaços são esquecidos, escuros, permanecem sem as características que são importantes aos espaços públicos de qualidade.

Porém, são nesses espaços opacos que muitas das vezes a emergência de cultura, de apropriações das praças, ruas, brechas urbanas é mais potente, que acontece de forma espontânea, diversa e coletiva, **mostrando que a cultura pode mudar a dinâmica das cidades.** Parte da real criatividade brasileira vem de um recorte urbano periférico, da margem, opaco e nos ensina muito sobre como deveríamos pensar a cidade. As **iniciativas culturais populares têm o potencial de legitimar práticas, etnias e direitos, que são muitas vezes negados à população dos espaços opacos** (FESLER; SELDIN, 2018).

Isso é a cultura que emerge da resistência de viver a margem, de viver nos espaços opacos, nos espaços que a cidade formal não vê. É a produção da cultura que extrapola as barreiras produzidas pela cidade, que não depende do institucional para existir, mas que talvez, seria mais potente e criativa ainda com o mesmo apoio que os espaços luminosos recebem. **Movimentos culturais que acontecem em espaços públicos carregam consigo um caráter de resistência e o potencial de superar obstáculos e alcançar condições de inclusão social e de desenvolvimento humano** (FESLER; SELDIN, 2018).

Oficina FLUTUA. Imagem: arquivo flutua.



DIREITO À CIDADE E À CULTURA

A questão do tipo de cidade que desejamos é inseparável da questão do tipo de pessoa que desejamos nos tornar. A liberdade de fazer e refazer a nós mesmos e a nossas cidades dessa maneira é, sustento, um dos mais preciosos direitos humanos (HARVEY, 2013, P.28).

A cidade é resultado de um conjunto de espaços, que são ocupados por diversas pessoas, com diferentes identidades, características, vivências, cada qual tendo vital importância em sua construção e dinâmica. Esse local da diferença e do encontro; do ócio e do trabalho; da criatividade e da inatividade; dos desejos individuais e coletivos deveria ser um direito de quem habita a cidade.

A construção da cidade, de acordo com Henri Lefebvre, é uma obra coletiva, marcada pelo uso e apropriação dos espaços, definida muitas vezes mais pelas práticas culturais, redes, circuitos intelectuais, instituições sociais e redes afetivas do que pelo ambiente construído.

O direito à cidade[1] significa o direito dos cidadãos-citadinos e dos grupos que eles constituem (sobre a base das relações sociais) de figurar sobre todas as redes e circuitos de comunicação, de informação, de trocas (LEFEBVRE, 1991). O direito à cidade pode ser conquistado a partir da ruptura com os modos de produção excludentes, não é apenas sobre gerar infraestrutura ou implementar equipamentos urbanos, está relacionado a garantia do acesso da população a tais lugares. Garantia de que toda a população, da margem e do centro, possam viver e criar na cidade, precisa ser formulada como um direito de transformar a vida urbana. A liberdade da cidade é, portanto, muito mais que um direito de acesso àquilo que já existe: é o **direito de mudar a cidade de acordo com o desejo de nossos corações** (HARVEY, 2013).

A luta pelo direito à cidade e à cultura está ligada à sucessão de ocupações que formam as cidades, que estão relacionadas às diversas disputas políticas e territoriais que dizem respeito à vida nas cidades. O ocupar a cidade de acordo com desejos, interesses e engajamentos políticos faz parte do exercício da cidadania.

A ideia de cidade surge do princípio da igualdade de diferenças: o fato cidade se funda na possibilidade de pessoas diferentes poderem viver em conjunto e estabelecer um contrato político entre elas (ROLNIK,

1 Direito a cidade é uma expressão cunhada por Henri Lefebvre em 1968, ano em que os movimentos das juventudes estava muito engajado nas lutas por direitos civis, dessa forma o termo "direito a cidade" é reflexo desse período de efervescência. Diz respeito ao direito à vida urbana, direito de todos os cidadãos estarem nas redes da cidade (INSTITUTO POLIS, 2020).



Imagem disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/893377/o-que-e-direito-a-cidade-publicacao-gratuita-apresenta-trajetoria-conceitual-do-termo. Acesso em: 28 de Abril de 2022.

2000). O estar, conviver, sentir e trocar no espaço público reflete muito do exercício da cidadania que cada um poderia ter, a **cidadania pode ser vista como uma construção coletiva**, um ser que possui direitos e deveres na cidade que se concretizam ao viver em conjunto com outras pessoas.

Esse exercício da cidadania vem há muito tempo sendo colocado em prática no espaço público, por exemplo, as praças da Antiguidade à Idade Barroca foram concebidas para promover a reunião da coletividade local. Era na praça que ocorriam os acontecimentos mais importantes da vida comum, ela era o lugar urbano por excelência (OTILIA, 1995).

A reivindicação pelo direito de exercer uma cidadania ativa e participativa nas cidades, vem sendo cada vez mais expressada nos espaços públicos, seja de forma mais incisiva ou de forma mais pontual. Isso acontece também pelo fato dos espaços públicos possuírem o potencial de serem os espaços cívicos, coletivos, espaços das manifestações diversas, da divergência de opinião, o espaço que pode possibilitar a busca por futuros alternativos.

As ocupações colocadas como mais pontuais são aquelas que **reivindicam um direito de permanecer nesses espaços**, de se-

rem o local do encontro e da troca, o lugar do lazer. Lazer, que muitas vezes vem sendo transformado como algo privado, segregado de algumas partes da cidade e esse é um dos pontos reivindicados por tais ocupações, que promovem a convivência entre pessoas diferentes, diminuindo a segregação e as distâncias sociais, suprimindo os guetos, atuando com solidariedade, como uma coletividade que amplie, incentive e aumente a comunicação entre os projetos de vida pessoais e coletivos (ROLNIK, 2000).

Um exemplo disso é a intervenção "A Batata Precisa de Você", realizada no Largo da Batata em 2014, na qual um pequeno grupo começa a ocupar a praça do Largo da Batata, levando cadeiras e mobiliários temporários, visto que a praça, após ter recebido uma reforma do poder público, foi transformada em um local vazio, sem árvores e mobiliários ou qualquer infraestrutura que possibilitasse o convívio social, o que ia contra as expectativas e desejos do grupo quando se fala de um espaço público de qualidade e coletivo. A partir disso, o "A Batata Precisa de Você" transformou o local a partir de ocupações semanais que foram ganhando mais adeptos a cada encontro e ao decorrer do tempo a dinâmica do local foi se modificando, mais pessoas começaram a ocupar e realizar atividades naquele espaço, permitindo que as pessoas vissem as inúmeras possibilidades de um espaço público. A ocupação do Largo da Batata serviu como construção experimental, processual e participativa de espaços públicos, objetivando o direito à cidade e a construção coletiva dos espaços. Com um processo participativo, ou seja, com a participação das pessoas, foi construindo e se solidificando um novo espaço público naquele lugar que antes era vazio.

Ocupação no Largo da Batata pelo coletivo A Batata Precisa de Você.
Imagens disponíveis em: https://piseagrama.org/a-batata-precisa-de-voce/. Acesso em: 11 de Abril de 2022.





Acreditamos no direito à cidade e que a permanência nas ruas torna a cidade mais viva. Defendemos a ocupação dos espaços públicos pela sociedade civil.

Entendemos a cidade como uma construção social, e que, por isso, temos que pensar nos usos cotidianos que a conformam.

Manifesto A Batata Precisa de Você,2015.



As reivindicações colocadas como mais incisivas no espaço público são aquelas que ocupam e tensionam esses espaços, como por exemplo, manifestações que clamam por algum direito e **tornam os espaços públicos em locais políticos** que dão a liberdade de colocar na cidade uma gama de opiniões divergentes.

Um exemplo desse tipo de movimentação foram os movimentos iniciados em 2011, em cidades como Nova York, Cairo, Tunis, Madri, Roma, Santiago e São Paulo, gerados por insatisfações populares particulares de cada país. Tal movimento foi ganhando força a partir da tática de ocupar um espaço público próximo a localização dos edifícios emblemáticos de poder, colocando corpos humanos nesses locais e convertendo em um espaço político de iguais, de discussão aberta e debate sobre o que esse poder está fazendo e as melhores formas de se opor ao seu alcance. Essa onda de movimentos mostrou que o poder coletivo de corpos no espaço público continua sendo o instrumento mais efetivo de oposição quando o acesso a outros meios de luta está bloqueado (HARVEY, 2011).



Movimento Occupy Wall Street 2013.
Imagem disponível em: https://www.politize.com.br/occupy-wall-street/. Acesso em: 11 de Abril de 2022.

Manifestação na Avenida Paulista em 2013.
Imagem disponível em: https://medium.com/@MidiaNINJA. Acesso em: 11 de Abril de 2022.



Quando se ocupa a cidade, o corpo também está sendo colocado na cidade, e o corpo pode e deve ser um instrumento político (HARVEY, 2009). Ele está intimamente ligado à forma que a cidade é sentida por cada um. Cada corpo anda, sente, ocupa a cidade de maneira diferente. Cada corpo intervém na cidade de maneira diferente; sofre na cidade de maneira diferente; vive a cidade de maneira diferente.

Sob essas perspectivas, faz sentido olhar para a cidade, para os espaços públicos, para as formas de ocupação e quem está ocupando tais espaços. Quem são os manifestantes que vão ao espaço público reivindicar seus direitos? Quem é que, hoje, intervém na cidade? Para quem o poder público pensa a cidade?

A **cidade não é neutra**, e por isso cada corpo a ocupa de forma distinta. A diferença da experiência urbana entre quem ocupa a cidade e o pensar o posicionamento político e social que as cidades estão sendo construídas fazem parte da discussão do direito à cidade.

> **A cidade é a possibilidade do indivíduo ser... Trata-se, portanto, de refletir/experimentar as derivas urbanas do corpo contemporâneo em torno das novas formas de urbanidade, inclusive aquelas capazes de negar a própria cidade (BRITTO; BERENSTEIN, 2009, p.346).**

Falar de acesso à cidade e à cultura, é falar das **diferenças impressas na cidade**, de feminismo, de racismo, e da luta de classes. Tais diferenças estão nos corpos, nas "condições que moldam práticas e relações (inclusive as de poder), por sua vez inseridas em diversos processos socioecológicos e sistemas de representação (dominantes ou não), como padrões de beleza, formas de se vestir e outras intervenções tornadas atributos identitários." (BRITTO; BERENSTEIN. 2009)

Perante a isso, existem atualmente formas de pensar o urbano e a cidade que consideram as diferenças, como práticas políticas com consulta à população, por exemplo, as iniciativas comunitárias, coletivos, instituições e ONGs que vêm pensando a cidade a partir da participação da mesma. Com uma dinâmica participativa, a produção da cidade pode se tornar mais justa e igualitária, possibilitando melhores experiências às mulheres, negros, crianças, população lgbtqi+ e todos que a habitam.

INTERVENÇÕES NO ESPAÇO PÚBLICO E TERRITÓRIOS DE RESISTÊNCIAS

O território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência (SANTOS, apud SILVA, 2011, p. 9).

Os territórios possuem representações simbólicas das relações sociais de produção e de reprodução que podem ser analisadas e compreendidas a partir de diferentes referenciais, as linguagens culturais presentes nos territórios são resultado, em sua maioria, da ação de indivíduos, grupos e coletivos que atuam nos espaços (FESLER; SELDIN, 2018).

Essas linguagens e ações culturais podem ser transformadoras de espaços e comunidades, ainda mais quando acontecem, como falado anteriormente, nos territórios opacos da cidade, nos quais podem adquirir um papel ainda maior de transformação e de resistência perante as ações institucionalizadas.

Dentro desse aspecto, serão abordadas duas possibilidades de resistência nestes espaços, que possuem características semelhantes mas podem acontecer em territórios diferentes. São elas: **intervenções efêmeras em espaços públicos** e as **resistências culturais que acontecem nas margens** do tecido urbano das cidades. Essa diferenciação se dá pelo fato de as intervenções nos espaços públicos serem possíveis de acontecer em diversos espaços da cidade, centro e margem são modificados e ocupados por intervenções urbanas. Porém, as resistências da margem vêm de um território específico, refletindo as vivências destes territórios. Dentro disso, ambas partem de pessoas que se colocam na posição de refletir sobre o mundo por meio da arte, produzindo um conhecimento orgânico que vem sendo considerado como reflexo das novas resistências culturais (FESLER; SELDIN, 2018).

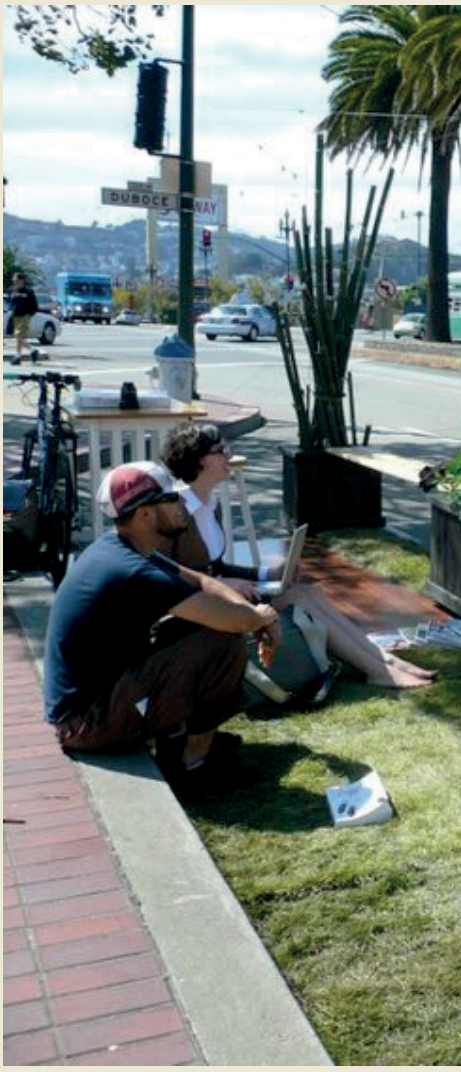
As intervenções nos espaços públicos, muitas vezes, surgem como meios alternativos de ocupação desses espaços que não recebem tanta atenção perante alguns espaços luminosos da cidade, criando **possibilidades de reinvenção e ativação da condição pública do local**. Tais intervenções vão desde ações temporárias no espaço - esportes na rua, apropriações para rodas de samba, congado, ocupação de praças com mobiliários, festas, shows - ou intervenções que deixam marcas físicas - pixo, graffiti, lambes, murais -, porém independente do “tipo”, todas possuem a potência de ativar espaços esquecidos na cidade e possibilitam marcas permanentes nas pessoas que os vivenciam.

O espaço público está associado aos conceitos de cidadania, civilidade, liberdade, de expressão e de interação afetiva e simbólica (FESLER; SELDIN, 2018) e assim são as intervenções que o ocupam, podendo ser também ações transformadoras desses espaços. O conceito de amabilidade urbana, introduzido por Adriana Sansão, diz respeito às possibilidades potencializadas pelas intervenções no espaço urbano, "pode ser considerada um atributo do espaço, manifestado através de conexões, encontros, intercâmbios, cumplicidades e interações entre pessoas e espaço, reagindo ao individualismo, que muitas vezes caracteriza as formas de convívio coletivo contemporâneas" (SANSÃO, 2011. p.14). Intervenções como Parking Day e o projeto Permanent Breakfast, são reflexo dessas características que podem emergir no espaço público, permitindo com que as pessoas interajam entre si, criando um local de convívio e encontro, vitalizando os espaços e originando um novo ciclo que se auto alimenta (SANSÃO, 2011), possibilitando a amabilidade urbana nesses espaços.



Ambas as intervenções têm características em comum: a modificação, ativação e ocupação desses espaços, que ganham ainda mais sentido quando essas ações são organizadas e realizadas pela articulação da sociedade civil. Dessa forma, essas intervenções mostram experiências participativas das pessoas nos espaços públicos e suas práticas culturais individuais, se mesclando na cidade.

Em vários momentos, essas ocupações podem ser identificadas até como um **ativismo urbano pelo uso efetivo dos espaços públicos**, pela ativação da cidade, pelo criar novas maneiras de compartilhar, experienciar e conhecer a cidade. Pessoas organizadas por um ideal conseguem movimentar e reinventar novas maneiras de ocupar espaços.



Essa prática de experienciar nas ruas, praças, vazios e brechas urbanas, espaços desativados, possibilita um processo de "dinamização cultural" do espaço urbano, provando que "a cultura pode se desenvolver e reestruturar as cidades" (FORTUNA e SILVA, 2005, p. 431). Reestruturações que reconhecem e valorizam os territórios, olham para as linguagens das expressões culturais de cada grupo e ganham um sentido de resistência ainda maior quando localizados à margem da cidade. Essas manifestações culturais da periferia, surgem muitas vezes devido às barreiras simbólicas pré existentes nas cidades brasileiras e pela distribuição de equipamentos culturais formais pela cidade, concentrados em sua maioria nos bairros mais nobres da cidade (FESLER; SELDIN, 2018).



O projeto Permanent Breakfast, realizado pelo artista Friedmann Derschmidt, motivava as pessoas a tomarem café da manhã em espaços públicos inusitados, como por exemplo, um entroncamento viário, e dessa forma analisa-se as apropriações espontâneas em espaços inusitados e como tais ações podem alterar cotidianos.

Fonte: https://www.permanentbreakfast.org/category/international-pb-movements/. Acesso em: 11 de Abril de 2022.



O “parking day” é um dia usado para ocupar temporariamente com arte, de mobiliários, promover lugares de encontro nas vagas de estacionamento das cidades. Começou como um projeto de ativismo pela reflexão da construção das cidades e o papel da ocupação dos carros e das vagas de estacionamento.

Fonte: Imagem disponível em: https://www.myparkingday.org/. Acesso em: 11 de Abril de 2022.

A carência de infraestrutura e de serviços que chegam às margens faz surgir movimentos de resistência e de luta por transformação, sendo nesses locais que a luta pelo direito à cidade se evidencia mais. A falta de identificação e acesso a outros movimentos e outras partes da cidade se manifesta nos movimentos de cultura da periferia, que criam formas de resistir, mostrando que também são produtores e propagadores de cultura. Muitas das vezes, a população ocupa os espaços públicos possíveis (ruas, praças, brechas urbanas, becos) com atividades culturais, criando novas apropriações de cidade, de encontro e de permanência a partir de diversas ações.

Foi o caso do Viela 4, localizado na Zona Norte de São Paulo, na Brasilândia, um coletivo que permite que a rua seja um espaço de criação e aprendizado. Idealizado por Jardélio Alves, teve seu início com a pintura de um dos muros da rua que teve uma grande aceitação por parte dos moradores, incentivando-o a pintar mais. A partir disso, um dos moradores cedeu o espaço da garagem de sua casa para ser transformado em um ateliê, para oferecer oficinas de artes para as crianças da vizinhança. A viela agora é ocupada por diversas atividades culturais da comunidade, contando até com uma biblioteca comunitária. O espaço, de acordo com os moradores, mudou o modo de pensar e de ver as atividades artísticas (JORNAL DA CULTURA, 2019). Dessa forma, a **rua se tornou o espaço da manifestação artística na comunidade** e também o espaço de propagação da cultura presente.





Intervenções na Viela 4.
Imagens disponíveis em:: https://www.facebook.com/viela4/. Acesso em: 11 de Abril de 2022.

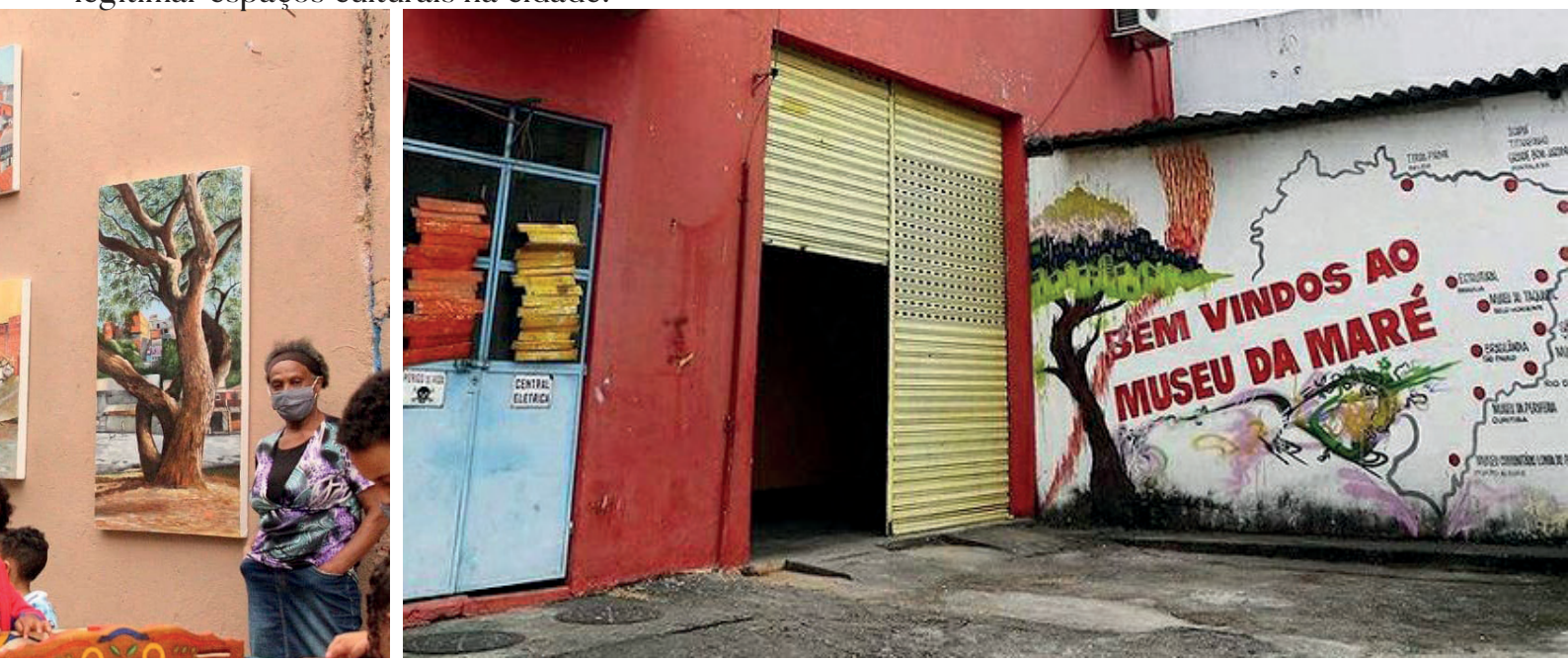
Algumas iniciativas conseguem ainda, dentro da periferia, viabilizar lugares para realizar suas atividades. É o caso do Museu da Maré, localizado na região da Maré no Rio de Janeiro, uma iniciativa do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM), que desde 1997 desenvolve atividades educacionais e culturais na comunidade e que, durante sua atuação, elencou a necessidade do conhecimento e compreensão da memória e identidade de seus moradores. Assim, a partir de parcerias com universidades e com o Instituto do Patrimônio His-

tórico e Artístico Nacional (IPHAN), a proposta seria desenvolver oficinas para a documentação histórica da região, surgindo assim, a necessidade de ter um espaço físico para abrigar as atividades. Dessa forma, a CEASM ocupou um antigo galpão industrial e conseguiu a cessão de seu uso em 2003.

Logo após a inauguração, o museu recebeu o apoio do Programa Pontos de Cultura do Ministério da Cultura e hoje já se tornou referência para a prática museológica em favelas brasileiras (FESLER; SELDIN, 2018).

Contudo, iniciativas como o Museu da Maré e ocupações de rua nas periferias **não substituem a deficiência de equipamentos culturais e infraestruturas dos espaços opacos da cidade**, os quais poderiam ser ainda mais potentes culturalmente se amparados adequadamente.

A transformação do espaço pela cultura permeia o urbano das mais diversas maneiras, sendo vital para a vida na cidade acontecer. A cultura possibilita a diversidade, possibilita identidades, especificidades, amabilidades. E por isso, esses exemplos de resistência constroem a cidade e dão significados identitários a elas. A potencialidade de cada intervenção dá luz a necessidade de legitimar espaços culturais na cidade.



Espaço do Museu da Maré, antigo galpão industrial.
Fonte: https://cbn.globoradio.globo.com/media/audio/325545/museu-da-mare-e-um-canal-de-comunicacao-com-todo-p.htm. Acesso em: 11 de Abril de 2022.

Centro e margem resistem, produzem cultura e ocupam a cidade.

02

A-
ÇÃO

MULHERES PRODUTORAS DE TRANS-FORMAÇÃO

O CORPO FEMININO NO ESPAÇO

Olhar para os diferentes corpos que ocupam a cidade deveria fazer parte do pensar, planejar e construir a cidade contemporânea. Cada corpo ocupa a cidade de forma distinta e, tais diferenças, geralmente, estão relacionadas a gênero, raça e classe.

Ao abordar mulheres na cidade, volta-se o olhar para as desigualdades que os corpos femininos que ocupam a cidade enfrentam. **Falar do corpo feminino é falar do local em que a experiência na cidade fica impressa,** onde a identidade, história e espaços vividos são registrados (KERN, 2019). Esse corpo que tem o desejo de ocupar e viver a cidade é o mesmo que sofre preconceitos, violências físicas e psicológicas, que muitas vezes não é bem vindo na cidade. Ser mulher na cidade molda a experiência urbana feminina.

Nesse sentido, as reflexões a respeito de quem ocupa a cidade, quem se manifesta nos espaços públicos, quem intervém na cidade e para quem o poder público pensa a cidade, passa diretamente pela questão do feminismo e de mulheres ocupando a cidade.

Historicamente, a cidade não foi pensada para acolher corpos femininos. Os espaços da cidade eram para os homens que ocupavam o cargo de chefes de família e trabalhadores, enquanto as figuras femininas permaneciam responsáveis pelo trabalho doméstico, cuidando da casa e dos filhos. Ao longo dos anos, algumas mulheres começaram a ocupar o espaço da cidade, como por exemplo, as mulheres que faziam a limpeza de casas, cuidadoras de crianças e idosos, ou ainda, "mulheres públicas" - termo usado para se referir às prostitutas.

Com a ida das mulheres para o mercado de trabalho, a reivindicação por ocupar outros espaços na cidade ganha mais força, porém elas ainda tentavam habitar espaços que não eram pensados para elas. Os ambientes urbanos foram estruturados para apoiar formas patriarcais, mercados de trabalho segregados por gênero e papéis tradicionais de gênero, ou seja, mulheres ocupavam o espaço que os homens achavam que elas deveriam ocupar.

Hoje, as **mulheres ocupam a cidade, porém de forma desigual** tanto em relação aos homens, quanto em relação a marcadores de raça e classe. Mulheres brancas vivem uma cidade diferente das mulheres negras, que vivem diferente de mulheres lgbtqia+, assim como é dife-

rente para mulheres de classes sociais distintas. Pensar como as mulheres vivem as cidades de forma desigual é pensar de maneira interseccional [2], conceito que mudou a forma que o feminismo entendia as relações entre os sistemas de privilégio e opressão, incluindo o sexismo, racismo, classicismo, homofobia e capacidade social (KERN, 2019).

As dificuldades de vivências encontradas na cidade são muitas e vão desde a forma de ocupar o espaço público - parques e calçadas de má qualidade e pouca iluminação que não criam ambientes propícios para mulheres sozinhas, em grupo ou com seus filhos - até as relações de trabalho que são impostas socialmente - mulheres vistas como cuidadoras - condicionando, muitas das vezes, as mulheres a permanecerem no espaço doméstico.

Em alguns países, como o Brasil, enquanto o trabalho produtivo não garante direito à cidade, o trabalho reprodutivo tornou-se ocupação compulsória às mulheres (ITIKAWA; DIAS; ALENCAR; PICONI, SANTANA, 2019). Aliado à falta de investimento e equipamentos na cidade, principalmente em regiões periféricas, que não oferecem creche, hospitais e renda suficiente para o cuidado, as mulheres acabam sendo responsáveis por essas funções.

Ao analisar a ocupação feminina em espaços públicos, é possível perceber como há uma grande **dificuldade de ver mulheres sozinhas nesses espaços**, e quando estão sozinhas, dificilmente estão tranquilas. Para parte das mulheres, estar em público é ativar uma linguagem corporal diferente de quando se está dentro de casa. Não fomos ensinadas a ocupar despreocupadas tais espaços. Preocupações com ameaças de violência são desde muito cedo transmitidas entre gerações de mulheres, por isso, esses espaços acabam sendo lugares de passagem para a maioria das mulheres ou quando optam por permanecer neles, isso acontece em grupos, entre amigos e amigas; colegas de trabalho; pais que acompanham suas filhas, etc.

> **As próprias experiências cotidianas de assobios e de assédio sexual servem para reforçar o medo, pois as mulheres são constantemente sexualizadas, objetivadas e desconfortaveis em espaços públicos. A geógrafa Hille Koskela observa que "o assédio sexual lembra as mulheres todos os dias que elas não foram feitas para certos espaços" (KERN, 2019, p. 197).**

Porém, o prazer e o direito de viver a cidade, seja sozinha ou acompanhada, deveria ser pauta no planejamento e construção das cidades. O

2 Interseccionalidade: termo sistematizado por Kimberlé Crenshaw em 1989, o qual busca exprimir as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação, está relacionado a forma que o racismo, o patriarcado a opressão de classe estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes...(CRENSHAW, 2002). A interseccionalidade dá a possibilidade de trazer à tona experiências de opressão não contempladas pelo feminismo em seus primórdios (BARROS, 2020).

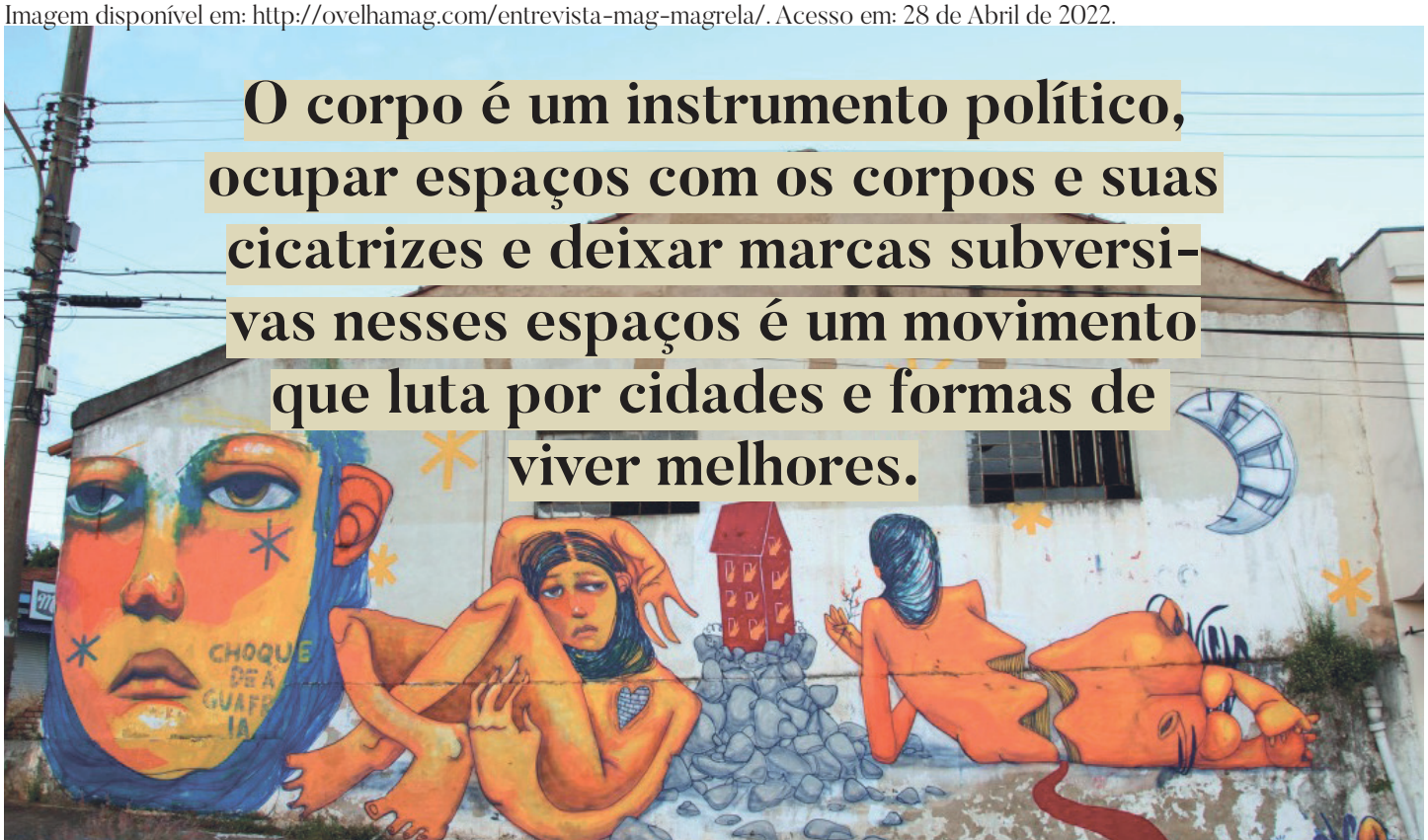
quanto qualquer pessoa pode simplesmente estar no espaço urbano diz muito sobre quem tem poder, quem sente que seu direito à cidade é um direito natural e quem sempre será considerado deslocado (KERN, 2019).

A reivindicação pelo direito de estar na cidade já foi e ainda é realizada de várias formas, tanto no âmbito legal, com direitos femininos já conquistados, quanto no âmbito ativista, onde as mulheres seguem tentando ocupar e estar nos espaços. Há uma corrente de união que junta as forças femininas na cidade, organizadas em grupos e coletivos, onde as mulheres se organizam para poder permanecer e ocupar o espaço urbano. **Tal união desafia todas as percepções de para quem é essa cidade contemporânea. Quando ocupamos a cidade, rompem-se as barreiras que o patriarcado levanta cotidianamente. A presença feminina na rua é resistência aos diversos modos de controle que foram impostos socialmente ao longo dos anos.**

Conquistar cada vez mais direitos às mulheres é urgente e já foi frisado por diferentes organizações e pautado como um dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU (Organizações das Nações Unidas).

A conquista por esses direitos passam muitas vezes por ativismos urbanos. A ocupação do espaço público está intrinsecamente ligada à conquista dos direitos femininos. Esses ativismos assumem formas de grandes protestos coletivos, intervenções de arte urbana, ocupações de grupos de mulheres em determinado espaço. Independente de sua forma, tais ações têm uma mesma motivação: a de enfrentar os diferentes poderes que moldam a vida das mulheres e lutar por uma sociedade mais justa e igualitária.

Mulheres artistas: mural Mag Magrela em São Paulo.
Imagem disponível em: http://ovelhamag.com/entrevista-mag-magrela/. Acesso em: 28 de Abril de 2022.



MULHERES QUE OCUPAM A CIDADE

O desafio consiste em construir um espaço sem gênero nem ordem patriarcal; portanto, um espaço sem hierarquias, horizontal, um espaço que evidencie as diferenças, e não as desigualdades, um espaço de todos e de todas em igualdade de valoração de olhares, saberes e experiências (MONTANER; MUXÍ, 2014, p. 198).

Avanços já foram feitos para tornar a cidade mais acolhedora e igualitária, porém ainda há muito para conquistar. Entender que a desigualdade existe e que é impressa no dia a dia das cidades faz parte do processo por cidades melhores. Quando essa diferença fica clara, é possível começar a entender novas formas de futuros urbanos possíveis, que devem ser mais democráticos para quem habita a cidade.

Ao analisar o espaço urbano público como a máxima expressão da vida pública, entende-se que quando a mulher não chega a esses espaços, seu acesso à vida pública é dificultado e diminui as possibilidades de garantia de representação na cidade (MERLI, 2018). Já foram realizadas diversas pesquisas e trabalhos que mostram como as mulheres são mais afetadas pelas desigualdades sociais e estas se evidenciam mais no território e socialmente (SANTORO, 2008).

Porém, é fato que os movimentos de resistência tem uma grande presença feminina, nos movimentos por direito à cidade, direito à terra, direitos básicos, entre outros a **atuação das mulheres aumenta cada vez mais.** Tais movimentações têm uma longa e pouco estudada presença na história do Brasil (BLAY, 1994).

Manifestação liderada por mulheres, Rio de Janeiro, 2019. Imagem disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/08/album/1552073999_138121.html#foto_gal_3. Acesso em: 28 de Abril de 2022.



De acordo com Eva Blay, movimentos em prol da cidadania permearam os séculos XVIII e XIX, enquanto no século XX, ganharam ainda mais força com as sufragistas e a reivindicação pelos direitos civis na constituinte de 1988. Os movimentos femininos que permeiam a história do Brasil são cíclicos, tem seu ápice, duram alguns anos podendo atingir ou não seus objetivos e depois se esgotam, podendo, na maioria das vezes, ser substituídos por outros.



Dona Carmen. Imagem disponível em: https://jornalistaslivres.org/carmen-mae-de-preta-lideres-de-sem-teto-por-que-nos-querem-presas/. Acesso em: 11 de Abril de 2022.

Atualmente, a liderança feminina em alguns movimentos vem ganhando mais destaque ainda. É o caso de alguns movimentos de moradia espalhados pelas cidades brasileiras. Dona Carmen é uma dessas lideranças: migrante, nordestina, chega em São Paulo na década de 1990 em busca de melhores condições de vida. Depois de passar apertos em busca de trabalho e lugar para morar, vai a uma reunião de um grupo de defesa do direito à moradia e, é neste momento, que ela reconhece outros na mesma situação e vê como isso precisava mudar. Hoje, Dona Carmen é conhecida como líder de ocupações no centro de São Paulo e com mais de 20 anos de experiência já conseguiu regularizar algumas das moradias pelas quais lutou. De acordo com ela, para liderar o movimento, **pensar no coletivo era a parte mais importante:** "Nunca mais pensei no meu emprego, minha casa, na minha vida e no eu, eu eu... Reaprendi a viver com o foco no coletivo. Sou muitos. Por isso me querem presa. Eu e todos que estão comigo" (MULHERIAS, 2019).

Além disso, a presença feminina dentro desses movimentos urbanos está mudando alguns eixos de lutas - as mulheres não reivindicam mais apenas equipamentos e serviços, hoje em dia as reivindicações giram em torno da igualdade perante todas as esferas, elas lutam por todos os direitos das mulheres e dos grupos excluídos da sociedade (SANTORO, 2008).

Falar de feminismo nas cidades é dar a possibilidade do diferente se expressar, de criar novas e melhores experiências, de valorizar os saberes e culturas não populares. É também olhar para os espaços opacos, para os marginalizados, para quem resiste diariamente na cidade.

Uma cidade igualitária é uma cidade democrática e para isso deve se pensar em uma cidade que planeja sob uma perspectiva de gênero. Faz parte também dessa cidade o processo de escuta, de acolhimento, de participação da sociedade na tomada de decisão a respeito do local em que habitam. **Valorizar e ouvir o processo do outro dá a possibilidade de criar outros cenários urbanos,** e é nesse contexto que processos participativos, que se iniciam da escuta e movimentação da comunidade, se encaixam.

A cidade feminista e o feminismo se fortalecem "quando tenta dar voz aos subalternos, quando desconstrói a oposição entre gênero feminino e masculino e não exacerba esta rivalidade. Por isso, a expressão da igualdade também significa que o espaço público de cada bairro deve refletir a diversidade de culturas que nele habitam, incluindo os imigrantes, suas culturas, seus imaginários, suas crenças, suas músicas, seus alimentos, suas maneiras de se relacionar no espaço público e suas capacidade de expressão e criação" (MONTANER; MUXI, 2014, p.216).

Porém, muitas vezes essa identidade espacial não acontece ou, quando acontece, ela se inicia a partir de movimentos locais individuais ou coletivos que reivindicam e ocupam a cidade com sua cultura e saberes. **É aqui que as intervenções temporárias nos espaços e as resistências que vem da margem se encaixam, elas reivindicam e gritam por uma cidade com mais cuidado com a sua cultura, seus desejos e suas individualidades.**

Tais ocupações e resistências funcionam como uma insurgência pela urgência de se olhar para as desigualdades na cidade. Essa insurgência é importante para permitir que a sociedade repense o social, de forma que as normas de exclusão sejam modificadas (HOLSTON, 1996).

TRANSFORMAÇÕES E RESISTÊNCIAS

Como forma de luta, resistência e de se sentir parte das cidades que habitam, os movimentos de mulheres podem ocupar, transformar e nos fazer repensar muitas das formas de construção e planejamento. **As mulheres estão liderando alguns dos movimentos sociais de resistência popular mais transformadores de nosso tempo, aqueles que estão mudando os tipos de conversa que podemos ter sobre o futuro das cidades e da vida urbana** (KERN, 2019).

O protagonismo feminino nos movimentos da América Latina surge com mais força na década de 1970, como resposta à crise econômica e política que muitos países viviam. Nas cidades e no meio rural a movimentação das mulheres resistiu ao desemprego em massa, ao aumento da pobreza e à violência enfrentada diariamente (FEDERICI, 2017).

Foi na década de 1970 que movimentos em resposta à ditadura de países da América Latina foram surgindo. No Chile, por exemplo, durante o período da ditadura militar as mulheres se organizaram para manter a vida e defender os direitos humanos da sociedade. Com o passar dos anos, a percepção crítica a respeito da realidade enfrentada pelo país foi mudando e as mulheres traçaram uma luta contra o governo vigente. Uma dessas organizações foi o grupo "Mujeres por

Protesto do grupo "mujeres por la vida". Imagem disponivel em: https://www.elmostrador.cl/cultura/2019/03/16/hoy-y-no-manana--documental-sobre-las-mujeres-chilenas-que-usaron-el-humor-para-desafiar-a-la-dictadura/. Acesso em: 11 de Abril de 2022.





Artistas protestam durante a ditadura militar no Brasil. Imagem disponível em: https://www.uol.com.br/splash/noticias/2021/05/17/eva-wilma-relembrou-momento-dificil-em-protesto-contra-ditadura-militar.htm. Acesso em: 28 de Abril de 2022.

la vida", responsável por ações políticas e artísticas que reivindicavam direitos em plena ditadura, organizando marchas e protestos que denunciavam o que estava acontecendo no país. No Brasil, durante o período da ditadura, a presença feminina também foi marcante nos movimentos contra a censura e o momento político do país.

Participação em assembleias deliberativas, protestos contra governos e forças policiais, reivindicação de direitos, ocupação de cargos políticos, foram movimentos responsáveis por aumentar a participação política das mulheres na sociedade, resultando na necessidade de educação e formação política feminina. Por isso, muitas das organizações de mulheres têm esse papel atualmente: informar e formar mulheres que se envolvem na sociedade. Além disso, é importante valorizar a história e memória dessas lutas, como faz a teórica e ativista Nina Navarro que aborda como as **mulheres também são protetoras das memórias como um dispositivo de resistência,** esse conhecimento ancestral fortalece a identidade coletiva das comunidades.

Para além das movimentações políticas, ter como responsabilidade a reprodução e cuidados de suas famílias, faz com que as mulheres tenham um grande protagonismo nas lutas ecológicas, visto que são muito afetadas pela desapropriação e pela degradação do meio ambiente. São as mulheres que lideram algumas das lutas ambientais mais importantes da América Latina, elas que lutam pela defesa da água na

região amazônica, que em 2011, na Bolívia, desmascaram o progressismo do governo de Morales, realizando protestos e passeatas contra a construção de uma rodovia que atravessaria um parque nacional indigena e, também, são as indígenas mulheres que hoje já criticam as estruturas patriarcais que regem relações de propriedade de suas comunidades, sobretudo a transferência de terras (FEDERICI, 2017).



Mulheres se organizam na 2° Marcha das Mulheres Indigenas. Imagem disponível em: https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2021/09/em-brasilia-mulheres-indigenas-reforcam-pressao-contra-o-marco-temporal/. Acesso em: 28 de Abril de 2022.

Muitas dessas resistências surgem na periferia das grandes cidades da América Latina. Nas favelas, ocupações, bairros pobres, as mulheres estão se organizando e criando novas formas de economia "baseada em formas cooperativas de reprodução social, estabelecendo seu direito à cidade e preparando o terreno para novas práticas de resistência e reivindicação" (FEDERICI, 2017). A movimentação coletiva é necessária nessas áreas e promove mudanças sistemáticas nas formas de se relacionar dessas regiões. É o caso, por exemplo, do Espaço Cultural Jardim Damasceno, localizado no território da Brasilândia, Zona Norte de São Paulo, que há mais de 10 anos resiste e promove atividades junto com a comunidade. Liderado por Noêmia e seu parceiro, o espaço hoje conta com uma horta agroecológica, cozinha comunitária e realiza atividades com as crianças, produzindo marmitas e cestas agroecológicas para a região, permitindo um espaço de convívio e troca comunitária em um território que não recebe tanta atenção do poder público.



Espaço cultural Jardim Damasceno. Imagem disponível em: https://www.facebook.com/EspacoCulturalJdDamasceno. Acesso em: 27 de Abril de 2022.

Esses movimentos e muitos outros já estão encenando diferentes realidades que nos levam a pensar novas formas de organizar o trabalho remunerado, o trabalho de cuidadoras e a reprodução social (KERN, 2019). O ativismo das mulheres é uma das forças fundamentais para a mudança social na América Latina, e vem sendo uma inspiração para outros movimentos ao redor do mundo (FEDERICI, 2017). Esses esforços vêm redefinindo as formas de existência e reprodução e mostrando como as ações coletivas transformam comunidades.

São colocados aqui alguns desses movimentos, que inspiram, são resistentes e **mostram que é possível seguir lutando e desejando futuros possíveis melhores.**

COLETIVO LAS TESIS

O coletivo Las Tesis é um grupo de mulheres de Valparaíso, Chile, formado por quatro mulheres, Daffne Valdés Vargas, Paula Cometa Stange, Lea Cáceres Díaz e Sibila Sotomayor Van Rysseghem. Se definem como um coletivo artistico feminista e interdisciplinar e seu trabalho é desenvolvido com objetivo de difundir teorias feministas por meio da perfomance. Costumam combinar artes cênicas, som, design gráfico e têxtil, história e ciências sociais.



Integrantes do coletivo. Imagem disponível em: https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-50690475. Acesso em 10 de Abril de 2022.

Uma de suas performances mais emblemática foi a intervenção intitulada "Un violador en tu camino", que ganhou destaque a partir de registros de vídeos e inúmeros compartilhamentos após sua primeira encenação. Foi realizada pela primeira vez em 20 de novembro de 2019 e, logo depois, inúmeros convites de performances em outras cidades começaram a aparecer. A performance consiste em um canto criado pelo grupo a respeito da sociedade patriarcal, os abusos que as mulheres sofrem, especificamente sobre o estupro, e as desculpas utilizadas pelos homens para justificar tal ato, como a roupa, o modo de andar, de se colocar na sociedade. Cinco dias depois, a performance foi realizada novamente nos protestos do Dia Internacional pela Eliminação da Violência contra a Mulher, onde mais pessoas se envolveram na performance e,com isso, os registros foram se espalhando pelos movimentos feministas espalhados pelo mundo. As idealizadoras refletem que isso mostra como a violência sistemática das mulheres atravessam a maior parte das mulheres do mundo. Hoje, o coletivo segue desenvolvendo suas performances, trabalhos e defendendo os direitos das mulheres.

Próxima pagina: Performance sendo replicada pelo mundo. Imagens disponíveis em: https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-50690475 e https://pixabay.com/pt/photos/feministas-marcha-protesto-mulher-4700823/ . Acesso em 10 de Abril de 2022.







TURBA

Turba é uma iniciativa de Porto Alegre que estimula a igualdade de gênero na construção de cidades inclusivas através de ações colaborativas no espaço urbano. Formada por Paula Motta e Roberta Alencastro trabalham uma cidade pensada para mulheres e creem que esse movimento "nasce da ruptura, de entender que o ensino do urbanismo veio de uma lógica neutra, feito majoritariamente por homens, e que não é inclusivo, ainda menos para as mulheres" (JORNAL DO COMÉRCIO, 2021).

Alguns de seus trabalhos já desenvolvidos foram rodas de conversa em espaços públicos, onde discutiam temas relacionados à mulher e cidade, realização de um mapeamento das nomenclaturas de praças que tinham nomes de mulheres da cidade de Porto Alegre - RS e desenvolvimento do projeto Parada Segura, premiado no concurso "Volver a la calle", desenvolvido pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), cujo objetivo era propor uma parada de ônibus mais inclusiva, adicionando iluminação, informações de trajeto, pinturas na própria calçada que indicariam rotas seguras, entre outras características que permitiriam uma espera e chegada mais adequada às mulheres frequentadoras da parada de ônibus.

Projeto Parada Segura. Imagem disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/colunas/pensar_a_cidade/2021/03/780971-urbanismo-voltado-a-mulher-garante-cidade-mais-inclusiva.html. Acesso em: 11 de Abril de 2022.



CURA

Cura é um Festival de Arte Urbano realizado em Belo Horizonte, Minas Gerais, idealizado por Janaína Macruz, Juliana Flores e Priscila Amoni. Já em sua 6° edição, o Festival tem a proposta de idealizar, planejar e executar a pintura de empenas na cidade, além de criar debates para envolver toda a comunidade que se interessar pelo tema.

A partir da pesquisa e seleção dos artistas a equipe possibilita toda a logística para a pintura das empenas. Além disso, o Festival já trouxe diversas instalações para espaços públicos da cidade. De acordo com a equipe, "Nossa cidade é nossa galeria de arte pública e nos lembra de que, quando a gente se apropria do espaço urbano, constrói também um sentido de pertencimento, faz dele nosso também, é capaz de transformá-lo" (ESTADO DE MINAS, 2022). Utilizando a cidade como meio das ações, o festival sempre traz a tona debates e temas importantes, divulgando tambem a arte negra, indígena, feminista e LGBTQIA+.



Arte de Sadith Silvano e Ronin Koshi.
Mural Priscila Amoni.
Imagens dsiponiveis em: https://cura.art/#histórico. Acesso em: 11 de Abril de 2022.

"Acreditamos que a arte urbana e pública em Belo Horizonte merece ser celebrada, mas ainda precisa muito ser discutida para que saibamos valorizar não só esse movimento que coloca a cidade em diálogo com o mundo e com suas questões mais urgentes, mas também as artistas que, por todos os cantos e paredes da cidade, não deixam BH se calar"
CURA, 2021


CORAGEM
JUNTA
COMERCIAL

03

PRÁ-TI-CAS

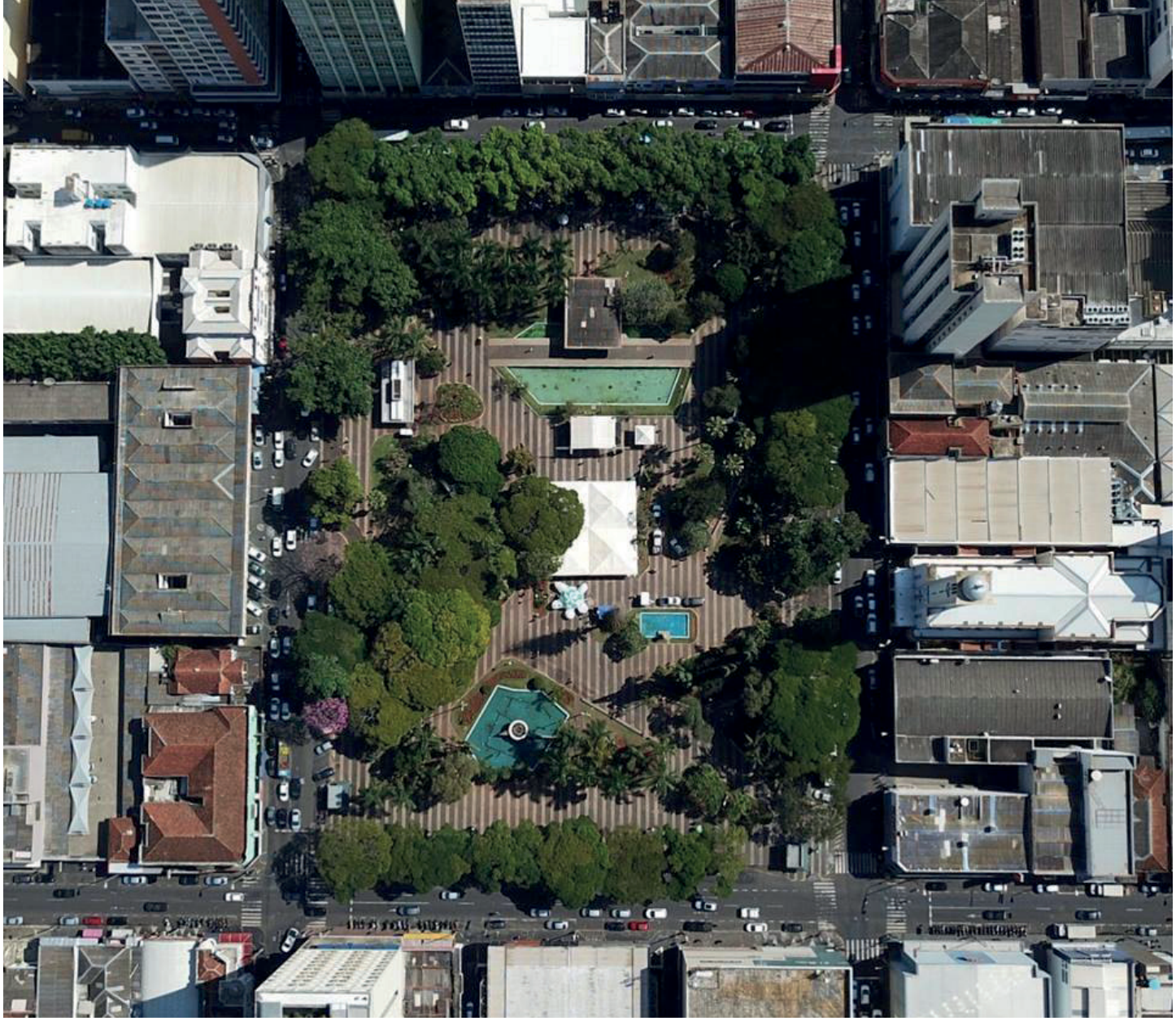
INTERVENÇÕES E EXPERIMENTAÇÕES

MULHERES EM UBERLÂNDIA

Oito de março de 2022, Dia Internacional da Mulher. Um grupo de pessoas, em sua maioria mulheres, se reuniu em praça pública para marchar por este dia. Praça essa que hoje, para parte da população Uberlandense, se chama Ismene Mendes, mas para muitos - inclusive oficialmente - ainda leva o nome de Praça Tubal Vilela, em homenagem ao político Tubal Vilela, que atuou como prefeito (1951-54) no município e como deputado federal (1955-59) pelo PSD. Porém, além de suas atuações dentro da política, Tubal Vilela foi protagonista de outra história, a da morte de sua primeira esposa, a qual foi assassinada por ele após desconfianças de que ela estava o traindo. Seu processo judicial durou 25 dias, do qual saiu absolvido sob "defesa de perturbação dos sentidos e de inteligência" durante o crime (CONEXÕES, 2019). Essa é a história do homem que nomeia a praça central da cidade e que, hoje, é **reivindicada e renomeada por muitas como Praça Ismene Mendes** em forma de protesto e em homenagem à advogada que atuava em defesa dos trabalhadores em Patrocínio e Uberlândia, defendendo quem a ela pedisse ajuda e que, por isso, foi perseguida, sofrendo abusos e violências.

Mulheres reunidas para Marcha do dia 8 de Março, 2022. Imagem autoral.





Praça Ismene Mendes, vista aérea. Imagem: João Paul, arquivo flutua.

Essa é uma das características que compõem o cenário uberlandense em que mulheres lutam e reivindicam seus direitos, seja na política, na habitação, na cidade e na saúde. **Uberlândia é uma cidade na qual mulheres - como em muitos outros locais no Brasil - não se sentem confortáveis para estar no espaço público** e têm dificuldade de reconhecer quais são os espaços públicos da cidade disponíveis para elas.

De acordo com uma pesquisa realizada em abril de 2018 no desenvolvimento da dissertação de mestrado "Lugar de Mulher é na Cidade", por Giovana Merli, os espaços públicos que as mulheres mais gostam na cidade são: o Parque Sabiá - maior equipamento público da cidade - e as praças - sendo as mais citadas Ismene Mendes (Tubal Vilela) e Clarimundo Carneiro.

A pesquisa também mostrou que **muitas das mulheres já deixaram de fazer algo, de sair, de passar por algum local, por medo e insegurança,** sendo esses locais principalmente os locais escuros, com poucas pessoas, com experiências passadas de furtos ou bairros periféricos e que a alternativa para esses medos muitas das ve-

zes é não sair ou estar sempre acompanhada. As mulheres da pesquisa desejam para uma cidade melhor: mais segurança, iluminação e mais espaços de lazer na cidade. Essas análises mostraram também como **é desigual a distribuição de espaços públicos de qualidade pela cidade.** O citado Parque Sabiá, por exemplo, se localiza em um ponto de margem da cidade e foi elencado pela pesquisa como principal espaço público, ou seja, mulheres se locomovem de seus bairros e regiões para estar nesse local, enquanto em uma cenário melhor, vários parques/ espaços públicos de qualidade poderiam estar distribuídos pela cidade.

Esses dados são reflexo de uma cidade que há de conquistar muito ainda para que as mulheres tenham seu direito à cidade garantido, mas também, é uma cidade que tem muitas mulheres lutando e conseguindo conquistar espaços e direitos. Hoje, uma praça já não seria nomeada com o nome de um homem que tenha cometido crimes contra mulher. Sancionada em 2021, a Lei n° 5626 de 12.08.92 proíbe que vias, prédios e espaços públicos recebam o nome de pessoas condenadas por crimes contra a mulher, consumado por razões de discriminação de gênero. Essa conquista é **reflexo do trabalho de mulheres na política que reivindicam direitos mais justos e uma cidade mais democrática.**

Segundo Guerra (1992), movimentos femininos existem em Uberlândia desde a década de 1920. A chamada "Liga Feminina", um dos primeiros movimentos organizados por mulheres na cidade, foi um movimento de professoras que desenvolveram várias atividades pelo lazer das mulheres que iam desde teatro e cinema até jogos de salão. Ao final da década de 1940, surge o "União Feminina", que se torna um grupo de mulheres das mais variadas classes sociais e de diversos partidos políticos que se organizam para defender a educação e distribuição de roupas, alimentos e utilidades para necessitados. Esse movimento vai até o fim da década de 1950.

Até a década de 1980, em decorrência da ditadura militar, houve um retrocesso nos movimentos de mulheres em Uberlândia. No final dessa década, é fundada a "Associação de Mulheres de Uberlândia", que tinha como objetivo implantar um núcleo de mulheres em cada bairro da cidade, o que não foi totalmente concretizado (apenas no bairro Tocantins e Jardim Brasilia). Também nessa época, começam a surgir mais movimentos femininos autônomos em bairros diversos, com propostas que variam entre formação teórica das mulheres, realização de debates até ações de articulação para mudanças físicas no bairro.

O bairro começa a tomar lugar de articulação política e participação no espaço público. Assim, a experiência que começa a ser desenvolvida nessas regiões contribuem para a formação de movimentos sociais bem como para a emergência dessas mulheres na esfera pública. Começam a se colocar como agentes da história, posicionando-se sobre o que consideram justo e injusto e reivindicando seus direitos (AM

NCIO, 2014). Assim, os movimentos femininos vão ampliando os campos de atuação, aumentando a compressão da realidade social para além do estritamente econômico, mostrando outras formas de organização e exercício do poder (GUERRA, 1992).

Quando voltamos o olhar para o espaço público com foco nas intervenções artísticas e movimentos de resistência que acontecem na cidade, consegue-se analisar **uma movimentação pulsante das mulheres nos espaços de Uberlândia**. Artistas, produtoras culturais, interventoras, muralistas, estão no espaço da cidade tentando ocupá-lo e reivindicá-lo perante a sociedade.

Mulheres na cidade. Fonte: arquivo FLUTUA.



PRÁTICAS NO TERRITÓRIO

Olhar para o território de Uberlândia sob uma perspectiva de quem são as mulheres que estão promovendo as intervenções e ações no espaço público e as movimentações de resistência pela cidade dá sentido e permite analisar o território em relação ao que foi abordado nos primeiros dois capítulos. Mas fazer isso em uma cidade com as dimensões de Uberlândia também é uma dificuldade, pois abranger todas as regiões, bairros e ocupações não seria possível no período de desenvolvimento do trabalho. Em uma tentativa de começar a analisar o cenário da cidade, durante a confecção do trabalho, as aproximações, conversas e encontros com mulheres que estão atuando nos espaços permitiram que reflexões fossem sendo feitas, possibilitando a definição dos recortes para a pesquisa.

Pensando o contato com as diversas culturas, o olhar de perto e de dentro para identificar, descrever e refletir sobre os aspectos que nem sempre são vistos (MAGNANI, 1996), a partir de conversas, vivências e olhares para o território, junto com perspectivas do método da etnografia e antropologia urbana defendida por Magnani no texto "Quando o campo é a cidade" as reflexões e entendimentos deste tópico foram construídas, possibilitando a criação de um outro olhar para a cidade. É quando o campo afeta a pesquisa, tentando incorporar a visão do outro nas possibilidades de análises.

Com a pandemia iniciada em 2020, os eventos e reuniões que eram realizados em locais públicos com uma certa quantidade de pessoas foram pausados e agora, aos poucos, estão voltando. Com isso, muitas das mulheres que ocupavam esses espaços e produziam as intervenções pararam seus trabalhos, o que também foi um fator limitante durante a busca por quem está intervindo em Uberlândia. Como essa pesquisa se inicia em um momento ainda pandêmico, de tentativa de retomada da normalidade, as mulheres não estão intervindo em toda sua potência.

Quando nos locomovemos pela cidade, seja a pé, de bicicleta, ônibus ou automóveis, fica claro que a intervenção na linguagem do graffiti, do pixo e dos stickers está presente em várias partes da cidade, principalmente nos locais com mais movimento e de disputa de território. Essa linguagem de arte urbana está cada vez mais presente em Uberlândia, assim como em outras cidades do Brasil, e diz muito sobre o reivindicar a cidade e os espaços públicos.

Há várias mulheres intervindo na cidade e tomando seus espaços por meio dessa linguagem. **Esse movimento, historicamente marginalizado e subversivo, reivindica a rua como um organismo vivo**, onde as coisas acontecem, como um espaço democrático e que deveria ser de acesso a todos. De acordo com elas, **a rua se trans-**

forma em uma galeria de arte urbana quando as intervenções são realizadas, uma galeria que é acessível, pública e efêmera, pois a qualquer momento pode se transformar em outra coisa. É sobre modificar a visão a respeito da cidade, não tratando-a apenas como um lugar de passagem e sim algo que existe para se divertir, desfrutar, para ser vivida em todas as suas instâncias, permitindo que a rua dialogue com a cidade e seus moradores.

Durante as conversas e aproximações, fica claro que ser mulher que realiza tais intervenções têm suas intenções e dificuldades, **o estar na rua é colocado como um ato de resistência e de coragem,**

Imagem autoral.



como uma busca por criar novos diálogos enquanto corpo feminino na cidade, propondo novas relações, olhares e impactos no espaço. Ao intervir, o corpo também é um instrumento, que acaba muitas vezes não sendo valorizado por colegas de profissão, nem incentivadas a continuar. Além disso, muitas das vezes, as mesmas sofrem assédio durante suas ações. Devido a isso, algumas optam por estar sempre acompanhadas durante o processo, seja por colegas homens, ou por mulheres que também estão intervindo. Também, esses encontros grupais para intervir acabam sendo a porta de entrada das mulheres nesse tipo de movimento, que com o tempo e experiência que vão adquirindo junto aos grupos, ganham confiança para conseguirem estar na rua com liberdade.

> **"Não tem um território ou região específica, o objetivo é marcar o máximo de lugar possível, de ponta a ponta da cidade, desde o centro até as ocupações." (kali, 2022)[3]**

> **"Quanto mais lugares marcando presença, mas pensando em causar determinado impacto os principais territórios são a região do centro, santa monica, rondon, os lugares mais "urbanizados" e babilônicos. Geralmente em bairros mais periféricos, na quebrada, essas ações são muito melhor aceitas então não tem tanto um teor de protesto." (anulada, 2022)**

Ao andar pela cidade com um olhar atento a esse tipo de prática fica claro esse ponto citado. Bairros como o Centro e Santa Mônica estão repletos de graffiti, pixo e stickers, mas nesses bairros existem os locais com mais densidade de intervenção, que ao nos atentarmos são os locais mais movimentados e são os espaços públicos que têm mais fluxo de pessoas, como a Praça Ismene Mendes (Tubal Vilela), a Praça da Bicota, Praça Sérgio Pacheco, a Praça Clarimundo Carneiro.

3 Pelo graffiti e pixo serem realizados em locais sem autorização o nome das mulheres entrevistadas não é colocado no trabalho, elas são identificadas com a tag (símbolo) que utilizam.

Imagem autoral.



Os lugares são estratégicos, o desejo é de serem vistas, **criar marcas, passar mensagens, subverter os usos nos lugares mais movimentados da cidade.** Isso mostra que existem algumas manchas de intervenção dessa linguagem pela cidade, que marcam os principais territórios de disputa, os mais em foco que são **onde o ativismo urbano de reivindicação atua na tentativa de conquistar a cidade.**

Uma iniciativa que merece destaque é a rede latino-americana de mulheres e queers da arte urbana, nomeada TODAS. Com a intenção e o desejo de unir e dar visibilidade a artistas urbanas latinoamericanas, foi criada essa rede para fortalecer o movimento, de forma horizontal e interseccional, para contribuir com a unificação e articulação coletiva de gênero. Assim, elas se conectam por meio das intervenções na cidade, na qual assinam o "todas" unificando suas vozes e postando em redes sociais. Por meio das contas em cada país envolvido, (até o momento Chile, Equador, Peru, México, Argentina e Brasil), são divulgadas as intervenções na cidade que se conectam por meio da intencionalidade comum: inserir TODAS nas cidades latinoamericanas.

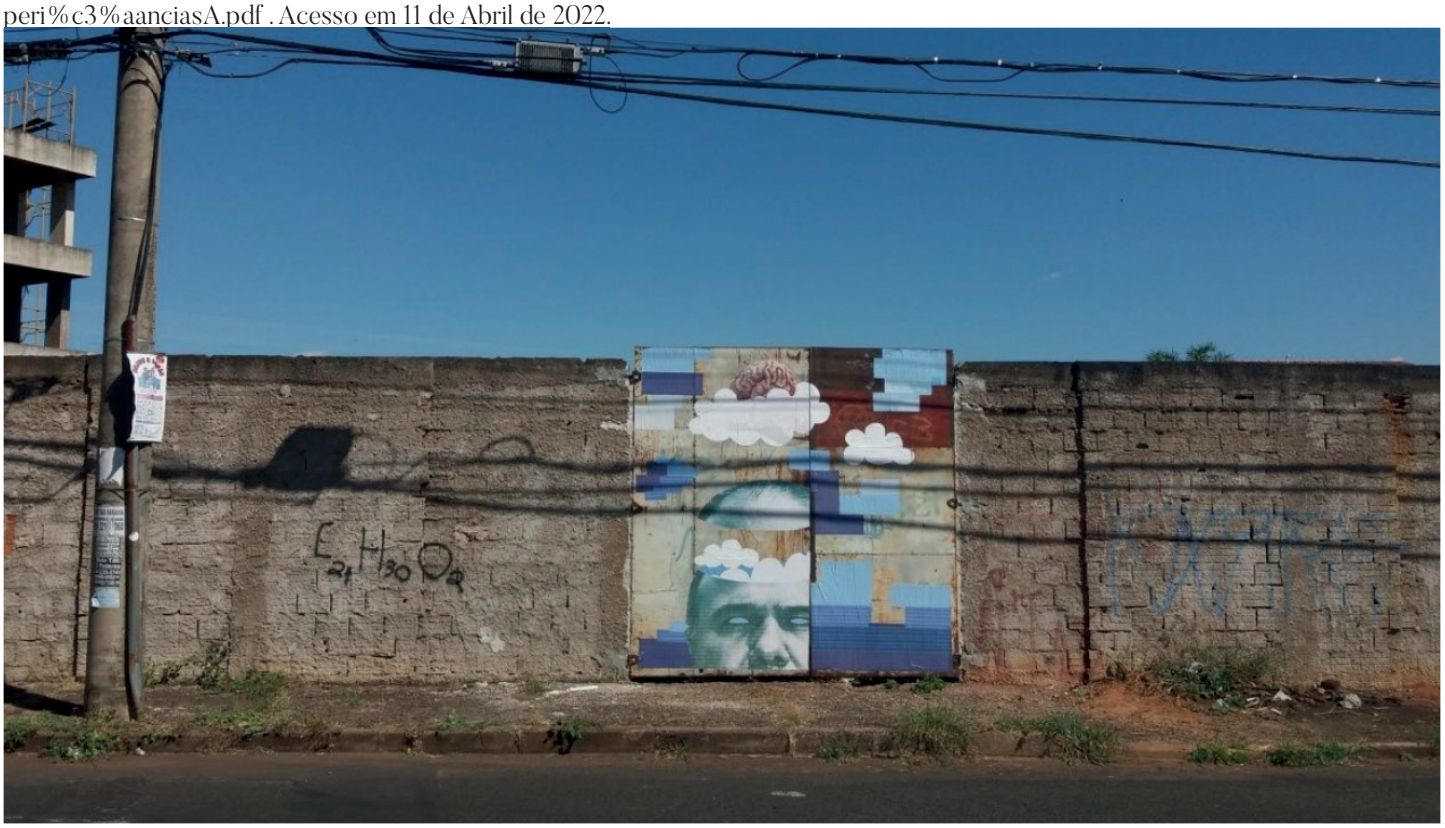


Grafite em muro, Uberlândia. Imagem disponível em: https://www.instagram.com/graffitodas_br/. Acesso em: 28 de Abril de 2022.

Práticas como o lambe e o muralismo também estão presentes no espaço urbano, mas com uma intensidade e força diferente. As intervenções com lambe analisadas utilizam-no como formas de reivindicar esse espaço da cidade **com mensagens e ativismos que variam desde o tema mulher na cidade até a defesa do meio ambiente.** Além disso, é uma intervenção que é realizada rapidamente e tem

baixo custo, podendo ser impresso em casa ou ser construído por meio de colagens, e sua aplicação acaba tomando pouquíssimo tempo. Esta facilidade também é elencada como um ponto positivo, pelo fato de ter que ficar menos tempo "exposta" intervindo no espaço público.

Lambe em Uberlândia. Imagem disponível em: https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/24200/1/ColagensLambe-lambeExperi%c3%aanciasA.pdf . Acesso em 11 de Abril de 2022.



Lambe em Uberlândia. Imagem disponível em: https://www.mariamars.com.br/rios-livres-2020?pgid=koxfcj6w-bfeb1ad9-88fa--411b-b09e-be42bdf4a3de. Acesso em: 11 de Abril de 2022.



Mulheres envolvidas na produção cultural de projetos e eventos também estão presentes em diversas partes da cidade. Uma dessas mulheres é Débora Costa, mulher negra, periférica, produtora cultural e professora que está, aos poucos, em conjunto com outros parceiros, modificando as ruas de alguns bairros na margem da cidade. Um dos seus projetos é o Jardim Urbano, no qual em conjunto com grafiteiros da cidade tem o objetivo de criar um circuito de arte urbana na zona oeste, nos bairros Jardim das Palmeiras, Jardim Canaã, Jardim Europa e Jardim Celia. Com a permissão dos moradores, os muros das residências estão sendo pintados e, com isso, criando um diálogo com a comunidade, ressignificando as vivências nos bairros e desenvolvendo um senso de pertencimento. Bairros começam a ganhar outras referências, gerando diálogos e encontros entre a comunidade.

Débora também é responsável pela execução da Galeria de Arte Reduto Negro, outro projeto de arte na rua, no bairro Patrimônio. Nesse projeto, Débora executa toda a mediação com a comunidade e interlocução pedagógica, e é responsável pelo arcabouço teórico e metodológico, permitindo que o trabalho alcance mais representatividade. A proposta da galeria é a execução de 7 murais temáticos espalhados pelo bairro. Os temas e pessoas pintadas nestes murais foram escolhidos pela própria comunidade em um encontro no Terreirão do Samba, um espaço identitário para a cultura do bairro, que foi um dos primeiros da cidade e tradicional no congado uberlandense. Tal produção e organização permite com que a comunidade assuma o protagonismo

Um dos murais da Galeria de Arte Reduto Negro. Imagem disponível em: https://www.instagram.com/pretaemflor/. Acesso em 27 de Abril de 2022.



e conte sobre suas vontades para o artista que realizará a pintura. De acordo com Débora, esse projeto é sobre **valorizar a resistência das memórias e narrativas do bairro,** que hoje sofre com a especulação imobiliária e a perda de imóveis para disputas de herança.

No início de 2022, também mediou e produziu uma intervenção no teatro de arena localizado na Praça Sérgio Pacheco. Financiada por uma empresa privada, a intervenção contou com a colaboração de outros artistas da cidade que realizaram a pintura do teatro. A escolha desse local de intervenção foi pelo fato de que o local, que antes era muito ocupado pelas culturas periféricas com tradição de batalhas de rima, não era mais utilizado pelas pessoas que antes o frequentavam. A praça era palco de inúmeras batalhas de rap onde a margem se deslocava para o centro e ocupava o espaço. Com a intervenção, o objetivo foi dar atenção para essa área e possibilitar que ela volte a ser usada pelas diversas culturas e comunidades da cidade.



Praça Sérgio Pacheco após intervenção. Imagem autoral.

Esses projetos e outros que ela já realizou e ainda realizará mostra a **potência que culturas de margem e que mulheres podem proporcionar para a cidade.** Debora alia sua história com a vontade de estar na cidade e de se relacionar com a comunidade em que vive, deixando marcas em uma trajetória que vem sendo construída há muito tempo. Em seus discursos, **reverência aquelas que vieram antes e evidencia que os trabalhos precisam ter base comunitária e coletiva forte,** e que é importante que essas produções sejam reconhecidas para continuarem acontecendo.

Outra mulher atuante na cena da produção cultural é Andrea Felix, que está há 28 anos envolvida com o rap feminino em Uberlândia. Faz música nas ruas, nos bailes, onde for possível. Motivada pela vontade de colocar mulheres na cena do rap, que de acordo com ela, era dominada pelos homens, criou um coletivo de mulheres que cantam rap, chamado Coletivo DMG (Das Minas Gerais). No começo, não eram chamadas para participar dos eventos e a solução foi fazer eventos próprios. Após a realização de 4 eventos na Praça Sérgio Pacheco, começaram a ser notadas e convidadas para cantar em outros eventos onde antes só havia a presença masculina, e assim aos poucos foram ganhando seu espaço na cidade.



Coletivo DMG. Imagem disponível em: https://www.instagram.com/p/CUD34QlFy4C/. Acesso em 20 de Abril de 2022.

Andrea é apaixonada pelo rap e essa paixão a motiva a continuar. Hoje, está organizando um evento que acontecerá em breve, aprovado pelo PMIC (Programa Municipal de Incentivo à Cultura), na Praça Sérgio Pacheco: um festival que dará palco aos mais diversos cantos de rap da cidade. **Sua vontade de fazer o rap feminino acontecer na cidade não é só por ela, é pelos outros grandes talentos que a cidade tem: "a minha luta não é só minha, Uberlândia é um celeiro de talentos, tem mulher aqui que precisa ser ouvida pelo mundo"** diz Andrea.

Um grupo de mulheres que vem voltando a se encontrar e buscar a normalidade é o Balaio de Chita, que é um grupo de pesquisa e releitura de danças tradicionais brasileiras. Existem há mais de 10 anos e seu início foi motivado por um outro grupo que já existia dentro da Universidade Federal de Uberlândia. Hoje, o grupo funciona de forma independente, estimulando a dança popular e sendo aberto a todos, e suas ações acontecem de modo itinerante e muitos dos seus ensaios são realizados em praças públicas.

Balaio de Chita. Imagem disponível em: https://www.instagram.com/balaiodechita/. Acesso em 20 de Abril de 2022.



Impossível de não citar neste trabalho, a FLUTUA é um coletivo de mulheres, que ocupa os espaços públicos da cidade por meio de oficinas e instalações infláveis. Desde 2018, está em diversos espaços,- sejam eles praças, ruas, universidades, ocupações, ongs - que por meio de suas intervenções, **busca explorar o criar coletivo, a reflexão sobre os espaços e a produção de atividades e instalações que possam criar marcas permanentes em quem vive uma experiência FLUTUA.**

O coletivo a**credita na potência da educação urbanística desde a infância** e por isso, um dos públicos mais impactados até hoje por suas ações foi este. Brincar, criar e imaginar fazem parte das instalações e oficinas que, em sua maioria, tentam envolver todos os participantes desde o início do processo.



INFLAÁMVEL, primeira instalação flutua. Imagem: arquivo FLUTUA.

A principal linguagem de intervenção efêmera utilizada até hoje é a instalação pneumática, a partir de instalações infláveis que são confeccionadas com plásticos de reuso. Para essa construção, existem algumas etapas: o desenho do projeto (onde as malhas são desenhadas, planificadas e dimensionadas) e a soldagem das malhas e plásticos (feito a partir de ferro de passar roupa com a proteção de um papel vegetal). Com isso, as partes do inflável vão sendo construídas e unificadas para tomarem a forma planejada. Esse espaço só ganha vida quando estiver cheio de ar, que é fornecido normalmente por meio de um motor ou ventilador, dependendo do tamanho da instalação.







Oficinas de confecção dos infláveis. Imagem: arquivo FLUTUA.



DONUT, instalação flutua. Imagem: arquivo FLUTUA.

"O comum se tornou extraordinário aos sentidos de quem vivia o momento, e o que antes era lixo, virou espaço de brincar, pular, dançar e rolar. Naquele dia, centro e margem se remexeram através da festa na cidade, possibilitada pela energia tanto de quem participou do processo de criação, quanto do momento de interação." (FLUTUA, 2021)

Oficina. Imagem: arquivo FLUTUA.



Quando um inflável chega ao espaço público é sempre um estranhamento, uma curiosidade. Quem passa, olha, pergunta, quer entrar, tocar e saber do que é feito. Isso **cria uma relação da instalação com as pessoas que estão passando pela área, provocando uma reação e criando uma memória**. Essa mágica da experiência permite que o espaço público seja visto de uma outra forma pelo período de tempo que a instalação fica ali, que normalmente não dura mais que 4 horas. Depois, **essa mudança de perspectiva do espaço fica só no imaginário e na memória de quem a viveu.**

Em sua configuração atual, FLUTUA é um coletivo de mulheres, formado por Beatriz, Lara, Luiza e Isadora, que **criam, desejam e estudam cidades com mais espaços públicos de qualidade e diversão; democráticos e criativos; seguros e acolhedores.**



Inflável pedestre, instalação flutua. Imagem: arquivo FLUTUA.

Essas são algumas das intervenções e resistências que acontecem em Uberlândia, mulheres que olham e desejam espaços mais viviveis e uma cidade mais democrática. Conforme a produção deste trabalho, vários nomes foram surgindo e conexões sendo feitas, sempre com afeto e cuidado nas conversas **as mulheres mostram o porquê da importância de lutar para ocupar uma cidade e reivindicá-las como delas. Estar na cidade com o corpo feminino é reivindicar esse espaço como um espaço feminino também.**

TERRITÓRIO OCUPADO

Durante o desenvolvimento da pesquisa foram realizadas algumas derivas pela cidade, algumas intencionais e outras no dia a dia.

A partir dessa metodologia de deslocar o corpo pela cidade caminhando, sentindo os ruídos, os movimentos, vendo as pessoas e o que acontece na cidade na velocidade do andar, percepções sobre onde estão as intervenções femininas tratadas no tópico anterior foram sendo criadas. Tais análises, só poderiam ter sido feitas a partir dessa visão do caminhar, que olha para os detalhes da cidade de maneira diferente de quando se está em veículos, permitindo que a cidade ganhe outro ritmo.

Dentro disso, foi realizada a confecção de dois mapas com essas percepções de cidade e registros de algumas das intervenções que foram aparecendo durante a pesquisa. O primeiro mapa representa alguns dos caminhos realizados na região central da cidade, a qual é uma das que mais configura o território de intervenções. As linhas vermelhas e rosas são colocadas como alguns dos caminhos percorridos, o rosa representa trechos que possuem menos intervenções, enquanto o vermelho mostra locais mais densos de intervenção, junto a isso, são colocadas imagens dessas intervenções e ocupações de cidade.

A percepção de que existem **manchas de intervenção pela cidade**, ou seja, espaços e regiões que são alvos de intervenções - sejam elas de arte urbana, dança, produção cultural, entre outras - com mais frequência ficaram evidentes. Existem manchas que recortam a cidade e colocam em evidência os territórios em disputa por diversos motivos: **pela vontade das mulheres do graffiti por ocupar a rua como forma de reivindicação pela cidade, pela vontade de transformar os bairros da margem em territórios identitários e não deixá-los esquecidos - como o poder público costuma fazer -, pela vontade de ocupar e viver espaços públicos de qualidade sem medo, por um viver a cidade em comunidade, entre outros.**

Isso foi sendo mostrado conforme as intervenções foram sendo localizadas: praças, como mostrado nas imagens, e ruas ao redor recebem muitas das intervenções e grandes avenidas estão sempre passando por intervenções diárias.

O segundo mapa (página seguinte) segue a mesma metodologia do primeiro, mas localiza as intervenções já citadas no tópico anterior e outras que estão pela cidade, mostrando que, por mais que o Centro e o bairro Santa Mônica possuam uma grande intensidade de intervenções, **há mulheres intervindo, ocupando e resistindo em outras partes da cidade.**


Avenida Estrela do Sul
Rua Sacramento
Rua Rivalino Pereira
Rua José Andrau
Avenida Araguari
Rua Engenheiro Diniz
Avenida João Pinheiro
Rua Carmo Gifoni
Praça Nicolau Feres
Rua Professor João Basílio
Vilela
Praça Sérgio de Freitas Pacheco
Rua dos Pereira
Rua Arthur Bernardes
Rua Rodrigues
Avenida Belo Horizonte
ESAMC
Supermercado Bret
Metal Nobre Acabamentos
Avenida Cipriano Del Fávero
Avenida Afonso Pena
Santa Gen
Cupertino
Rua Machado de Assis
Natural e Saudável
Rua Rezen
Avenida Getúlio
Avenida Princesa Isabel
Avenida Florianó Peixoto
Rua Agenor Paes
Avenida Rio Bra
Fonte com peixes na Tubal Vilela
La Mama II
Hotel Presid
Sinhá
Rua Carajás
Rua Bernardo Guimarães
Museu Municipal de Uberlândia
Rua Barão de Camargos
Rua Vigário Dantas
Cheff Alan
Uniube
N



4. Praça Ismene Mendes, Centro.



8. Praça Paris, Presidente Roosevelt.



2. Mural Reduto Negro, bairro Patrimônio.



1. Mural Reduto Negro, bairro Patrimônio.



3. Mural Jardim Urbano.



3. Mural Jardim Urbano.





5. Galpão Skate, bairro Brasil.



6. Bairro Santa Mônica.



8. Praça Maria Preta, São Jorge.



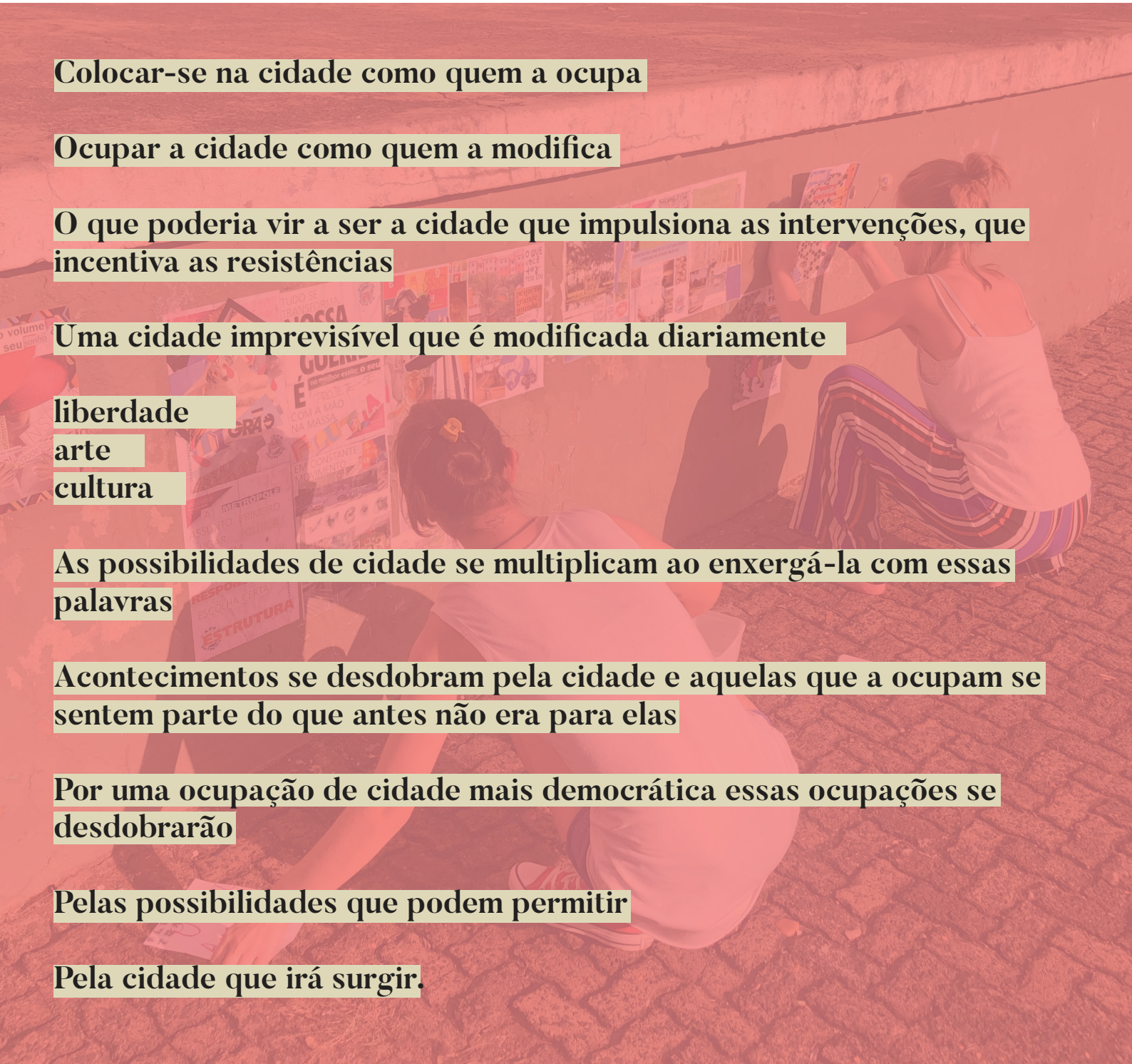
7. Beco, bairro São Jorge.

Anel Viário

N

Essas ações, intervenções e ocupações dos espaços urbanos vão formando essas manchas que permitem a criação de uma outra cidade, a que se constrói pela modificação da mesma, pela cultura que é colocada nos espaços, pela expressão da arte e dos desejos das mulheres e artistas que querem estar no espaço urbano. É uma cidade imprevisível, que se constrói a partir das resistências e desejos de quem se coloca na posição de intervir.

Há então o desejo de seguir ocupando, de colocar mais e mais ocupações femininas, intervenções, resistências nos espaços públicos. As discussões colocadas iluminam as diferentes possibilidades de cidade, possibilidades essas que não envolvem propostas de projetos e sim propostas de acontecimentos e ações pela cidade. Tais acontecimentos colaboram para a cidade que é colocada em pauta nas discussões levantadas aqui.



Colocar-se na cidade como quem a ocupa

Ocupar a cidade como quem a modifica

O que poderia vir a ser a cidade que impulsiona as intervenções, que incentiva as resistências

Uma cidade imprevisível que é modificada diariamente

liberdade
arte
cultura

As possibilidades de cidade se multiplicam ao enxergá-la com essas palavras

Acontecimentos se desdobram pela cidade e aquelas que a ocupam se sentem parte do que antes não era para elas

Por uma ocupação de cidade mais democrática essas ocupações se desdobrarão

Pelas possibilidades que podem permitir

Pela cidade que irá surgir.

Para isso, olhar para os territórios já ocupados com intervenções na cidade faz sentido ao guiar as futuras ocupações propostas aqui. A partir dos mapas confeccionados, algumas das manchas de intervenções foram vivenciadas com mais detalhe no intuito de entender um futuro território de ocupação. Dessa forma, as idas aos locais e a forma em que eles acolhem ou não foram de vital entendimento da dinâmica, além de conversar com quem frequenta, já frequentou ou tem o desejo de frequentar esses lugares.

GALPÃO SKATE

Localizado no bairro Brasil é um antigo galpão abandonado que foi apropriado por um grupo que hoje ocupa o local para andar de skate. Ao longo do tempo, foram realizadas modificações no espaço, criando obstáculos e proporcionando uma logística para práticar a atividade. Porém, esse espaço ocupa uma grande área urbana, a qual não é inteiramente utilizada por eles, que devem ocupar aproximadamente 1/3 do espaço. Sendo assim, **ali há um potencial de outros usos e ocupações junto ao uso já existente no espaço.**

Esse galpão hoje é um espaço completamente murado com apenas uma pequena porta de acesso - que parece ter sido feita pelos próprios ocupantes do espaço -, dentro dele não é possível ter a visão do espaço como um todo pois tem grandes árvores e algumas paredes espalhadas. Na maioria dos dias está vazio, tendo uma ocupação maior aos finais de semana e finais de tarde, quando o pessoal se encontra para andar de skate. Dentro disso, esse espaço murado, sem visibilidade e na maioria do tempo vazio, se torna quase um reflexo do que a mulher sente na cidade ao se deslocar por espaços a qual não se sente confortável. **O galpão não passa a sensação de um espaço que acolhe e transmite segurança caso uma mulher queira o ocupar.**

Por mais que ele hoje já tenha uma ocupação consolidada por um determinado grupo de pessoas, quem não faz parte desse grupo não se sente necessariamente bem vindo neste espaço que teria o potencial de ter uma ocupação mais democrática e que possibilitasse diversas expressões urbanas. Mas, ao mesmo tempo, esse espaço tem inúmeras intervenções e ocupações que mostram como alguns grupos têm **o desejo de consolidar seus territórios e ocupar a cidade**, que muitas vezes não fornece a infraestrutura devida.


1533










DOUG

PRAÇA SÉRGIO PACHECO

A praça Sérgio Pacheco, localizada na região central da cidade, tem histórico extenso de ocupação, desocupação e modificações que permeiam muitos anos. No início do processo de urbanização da cidade(1895), onde hoje se encontra a praça, foi instalada a estação de trem Mogiana, para dar estrutura à ferrovia que estava sendo implantada na região e passaria pela cidade. Tal instalação trouxe muitas mudanças e desenvolvimento para a cidade, a qual começou a receber mais investimentos em infraestrutura e planejamento.

Com a chegada das rodovias ao interior do Brasil, na década de 1960, as ferrovias começaram a perder sua força e, a estação que estava localizada no centro da cidade começou a perder o valor. Soma-se o fato de que o centro passava por uma expansão e o leito férreo era um obstáculo para o crescimento, o que acarretou na necessidade de deslocar a estação para áreas mais periféricas da cidade. A Estação Mogiana foi então demolida e se construiu uma nova no bairro Custódio Pereira.

Para a área central da cidade **tinha-se o desejo de transformar o local em um espaço para uso social e cívico**. Neste momento, uma série de projetos se sucedem com disputa política da época entre diferentes mandatos municipais e a praça Sérgio Pacheco é construída aos poucos, a partir destes projetos que foram feitos em momentos diferentes. A configuração da praça hoje é resquício, em sua maior parte, do projeto de Ary Garcia Roza e do paisagista Burle Marx, porém com modificações realizadas posteriormente à sua execução (PAIVA; CAPELLO, 2011). Tal projeto tinha o objetivo de tornar esse local da cidade o centro cívico e social - "o coração da cidade" - porém, com a descaracterização que sofreu, a praça não cumpre essa função.

Hoje ela ocupa uma área de 33.058m², que é cortada por vias de fluxo intenso e próxima ao terminal central da cidade e ao Centro Municipal de Cultura. Na praça existem alguns equipamentos, sendo eles, quadras, playgrounds, teatro de arena, banheiro público, equipamento de ginástica, mesas de jogos, sanitários, estacionamento, posto policial e "casa do papai noel".

Todas essas mudanças físicas que a praça sofreu são acompanhadas de modificações no perfil de quem a utiliza, acompanhando também os usos dos imóveis ao redor da praça e suas transformações. Hoje, **a praça tem uma ocupação diversa, porém não intensa.** Durante a semana é possível ver pessoas se exercitando, crianças brincando, moradores de rua que utilizam a praça como morada. Em sua maioria, são corpos masculinos que ocupam este território.

Por mais que a praça tenha equipamentos para serem usufruídos, **ela**

não transmite uma sensação de segurança suficiente para que as mulheres a ocupem, sempre sendo utilizada por mais homens ou, em alguns momentos do dia, com pouca presença de pessoas. **Mas percebe-se, no entanto, o desejo de ocupá-la,** e isso foi se tornando visível de diversas formas.

A intervenção realizada este ano no teatro de arena (página 59) é uma delas, mostra como esse espaço que já foi muito utilizado para shows e eventos e pode voltar a ter esse potencial de ocupação. Além disso, moradoras e moradores das margens da cidade, em conversas realizadas durante o trabalho, citam a Praça Sérgio Pacheco como um local que desejam ocupar e realizar eventos.













04

OCU-PA-ÇÕES

MULHERES NA CIDADE

PRÁTICA

A partir da vontade de ocupar a cidade, de ouvir quem ocupa a cidade, de analisar as intervenções femininas na cidade e de discutir esse tema na cidade, surge a motivação para se fazer um encontro com quem se interessa e se coloca a disposição para discutir, conversar e criar a partir das vontades colocadas acima.

Uma prática com essas pessoas, em um local da cidade que já possui vestígios de ocupação feminina é uma forma de estabelecer diálogos e **discutir sobre a cidade na cidade.** Dessa maneira, a análise de territórios já ocupados na cidade no capítulo anterior se mostra um instrumento importante. Olhar para esses territórios que já tem ou não marcas femininas no momento de escolher onde será essa ação dá sentido ao conceito de territorialidade e às discussões que serão levantadas.

Durante todo o processo, a praça Sérgio Pacheco foi o território que apareceu de diversas formas como um local a ser ocupado na cidade, mas não só isso, ela apareceu em diversas conversas como **um local em que há o desejo de ser ocupado pela população dos espaços opacos.** A Praça já tem diversas ocupações, inclusive tendo sido alvo de uma intervenção esse ano relatada no capítulo anterior, produzida pela Débora Costa, mostrando também que essa praça é alvo de intervenções femininas. Mas, ao mesmo tempo, a praça é um local de muitas discrepâncias sociais, alvo de diversas disputas e também um espaço público urbano utilizado principalmente por homens e que poderia ser cada vez mais ocupado por mulheres, eventos culturais e tornar-se mais acolhedor a quem a deseje ocupar. Por isso, foi escolhida como o local de realização dessa prática: tanto por suas ocupações pré existentes quanto pelos desejos de ocupação.

Essa prática é uma ação que funciona como **um dispositivo de ativismo urbano pela ocupação dos espaços pelas mulheres**, pela ativação da cidade, pela luta em criar novas maneiras de compartilhar, experienciar e conhecer a cidade. Colocar os corpos femininos no espaço urbano subverte a opressão a que o patriarcado submete as mulheres, determinando que espaços elas podem ou não percorrer.

O acontecimento, nesse caso, é a ocupação da cidade, é a negociação dos corpos femininos na cidade, é o estar em ação nos espaços. Per-

mitir que as ações artísticas, as intervenções e resistências femininas aconteçam na cidade, debater e refletir em conjunto com outras mulheres sobre a relação com a cidade, como essas formas de ocupação se relacionam ao urbano, como elas podem corroborar para uma cidade mais vivível e como esses corpos podem reivindicar que a presença da mulher nesses espaços se torne comum.

A partir disso, foi pensando o roteiro e as referências para conduzir o encontro e é realizado o convite às mulheres que já haviam sido contatadas anteriormente durante esta pesquisa, além de expandir a proposta a outras que pudessem ter interesse em discutir a cidade.

ROTEIRO

20min _ Apresentação das presentes
Quem é, o que faz, região da cidade que vive e que costuma ocupar.

10min _ Fala sobre o desenvolvimento do tcc, motivações para esse momento e contar o porquê da praça sérgio pacheco ser o local dessa prática e sobre reivindicar o espaço da cidade como espaço das mulheres.

20/30min _ Caminhada pela praça
Entender locais que despertam uma vontade de ocupação/ intervenção;
Mapa das sensações - psicogeografia - a partir das sensações e percepções do espaço - potências x não potencias/ desigualdades da praça - como as diferenças estão impressas na cidade - fornecer materiais.

30min _ Compartilhamentos sobre a praça
Momento de escrita, reflexão, gravar áudios, desenhar...
Compartilhamento refletindo a ocupação da mulher na cidade e naquele espaço específico também.

30/60 min _ Ação
Como materializar as reflexões e compartilhamentos na praça ou no espaço da cidade.

REFERÊNCIAS

Coletivo Dodecafônico | Ação: práticas do caminhar _ ações simultâneas.
Imagem disponível em: https://coletivoteatrododecafonico.com/acoessimultaneas.html. Acesso em 18 de julho de 2022.







Coletivo Dodecafônico | Ação: lambe-lambe e performances urbanas.

Imagem disponível em: coletivoteatrododecafonico.com/lambelambe.html. Acesso em 18 de julho de 2022.



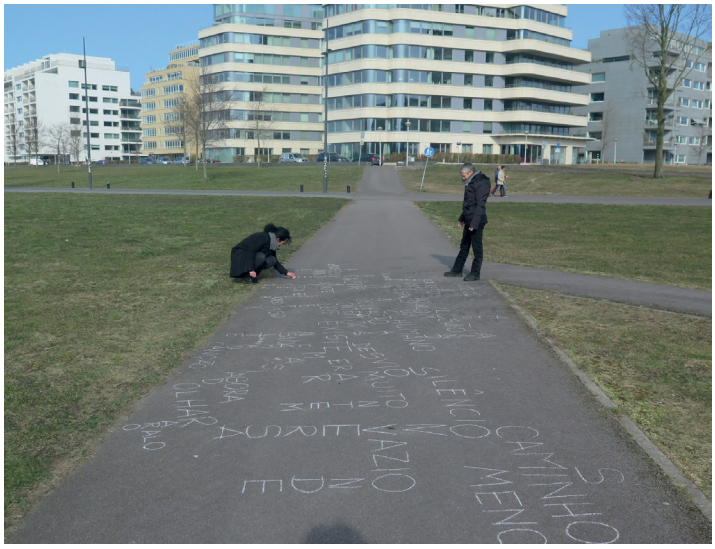




Ana Teixeira | Ação: Conversas silenciosas.

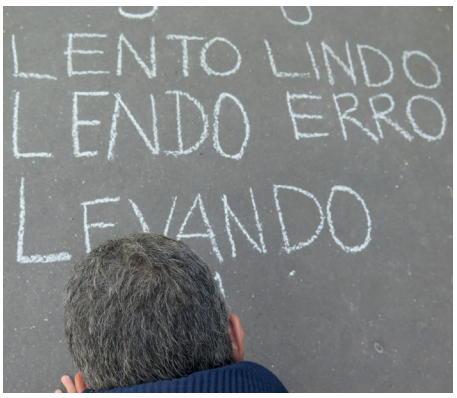
Imagem disponível em: www.anateixeira.com/trabalhos/conversa-silenciosa/l. Acesso em 18 de julho de 2022.











TURBA | Ação: ReocupAção das ruas.

Imagem disponível em: www.instagram.com/p/CfKnBeOu6Ku/. Acesso em 18 de julho de 2022.







OCUPAÇÃO FEMININA COMO TRANSFORMAÇÃO URBANA

Para registrar e contar sobre a prática realizada na cidade foram escolhidas algumas maneiras de representá-la, sendo elas um vídeo-documental-informativo, um mapa com as intervenções e o trajeto urbano realizado e a transformação do vídeo em uma versão gráfica para que os registros também marquem presença neste caderno.

O vídeo como forma de **representar essa ação e transformação urbana é importante para conseguir trazer outras dimensões da prática** que apenas a fotografia e os textos não conseguiriam trazer. Os sons da cidade, as conversas, as movimentações das mulheres e dos transeuntes estão presentes e permitem ter uma percepção mais completa do que foi a experiência vivida. Além de que, o formato para o qual o vídeo foi pensado funciona como **um objeto informativo e propositivo** de alta circulação para que outras pessoas possam replicar essa prática ou práticas semelhantes a essa. Possibilitando o material de livre acesso a outras arquitetas, entusiastas e ativistas pelas cidades mais ocupadas pelas mulheres, compartilhando táticas e ferramentas para desenvolver práticas, encontrar grupos que proponham diversas formas de ocupação de espaço público e possibilitar novas ativações dos espaços da cidade.

O mapa, produzido na linguagem cartográfica já utilizada anteriormente no trabalho, materializa a forma como o trajeto foi realizado e aponta os lugares onde as intervenções ocorreram.

Além da prática descrita aqui, outros acontecimentos e oportunidades de ocupação de cidade foram acontecendo durante o desenvolvimento do trabalho, sendo eles:

Lambes na temática violência contra a mulher | Em conjunto com o trabalho de conclusão de curso da discente Camila Leão, que desenvolve seu projeto com o tema violência contra a mulher e propõe o projeto de um novo abrigo para as mulheres vítimas de violência.

Ocupação no galpão | Em conjunto com trabalhos realizados pelos discentes da Professora Patrícia Osses realizamos uma ocupação no galpão com diversas intervenções. Algumas delas se relacionam ao tema mulher e acabaram conversando entre si, como foi o caso das intervenções realizadas por mim, Nicole Kate, Giovanna Andrade e Luisa Malta. Essa similaridade no tema mostra, mais uma vez, a vontade das mulheres estarem cada vez mais nos espaços intervindo e ocupando.

VÍDEO HTTPS://YOUTU.BE/RYVTLWVV2XU

Sugestão: Veja antes de continuar a leitura, as próximas páginas contém frames e análises do vídeo.



TÁTICAS URBANAS PARA OCUPAÇÕES E ATIVAÇÕES DE CIDADES COM MULHERES

_ ESCOLHA UM ESPAÇO

Na área central de Uberlândia, a praça Sérgio Pacheco é um território da cidade que já passou por diversas mudanças. Um lugar de muitas discrepâncias sociais e um espaço público urbano utilizado principalmente por homens ou como espaço de passagem. Mas essa área poderia ser cada vez mais ocupada por mulheres, eventos culturais e ser mais acolhedora para quem a deseja ocupar. Por isso, foi escolhida como o local de realização dessa prática, por suas ocupações pré existentes e pelos desejos de ocupações futuras.








_ CONVIDE MULHERES

No dia 23 de julho, foi feito o convite a mulheres para ir à praça e ocupá-la. Como? Ainda não sabíamos exatamente, a proposta inicial era ter mulheres na praça.



PRÁTICA E CRIAÇÃO NA CIDADE

MULHERES OCUPAM

23 DE JULHO
praça sérgio pacheco
9 horas

Um momento de trocas e compartilhamentos sobre a forma que as mulheres ocupam a cidade! Vamos conversar, acolher e entender as possibilidades que a cidade proporciona e deveria proporcionar.
Nesse dia, colocaremos a mão na massa na busca por estratégias de intervenções e práticas.
Se interessou? Manda um direct para mais informações!

_ OCUPE A PRAÇA

Elas foram chegando e se acomodando. Sentadas em roda, uma ágora feminina surge naquele espaço junto com a possibilidade de sentir uma cidade que escute mais as mulheres, já que estávamos ali conversando sobre nossas ocupações de cidade.





_ CONVERSE

Essa ágora cria outra versão de praça e marca presença. Exemplo disso é que quem passa pelo espaço e quer conversar pede licença ao entrar na roda, pergunta se pode falar algo... Coisa que não acontece na cidade, aos nos dirigirem palavras enquanto estamos circulando sozinhas. Isso é reflexo de como a ocupação feminina num espaço que não a tem diariamente já causa uma transformação urbana - só por ter corpos diferentes em determinado espaço.









_ PERCORRA O ESPAÇO

Depois de conversar, a proposta seria caminhar pela praça, que ocupa uma extensa área. As mulheres decidiram ir todas juntas nessa exploração. Claro, todas sabem que andar acompanhada acaba sempre sendo mais seguro.





Durante o percurso, decidimos marcar nossa passagem por esse espaço, a partir de intervenções com giz e carvão. As superfícies dessa praça foram sentindo a presença das mulheres com intervenções relacionadas ao tema. Mostrar e deixar registrado que estivemos ali, fez parte da concretização desses desejos de ocupação feminina na praça. Nas quadras, no banheiro, no piso, nos monumentos... Vários dos equipamentos daquele espaço, onde um dia tivemos medo de passar sozinha, agora recebem nossa presença e são marcados por ela.

Isso deu força para seguirmos esse trajeto, que foi acompanhado de muitos olhares de dúvida e estranhamento ao ver um grupo de mulheres se locomovendo por locais onde não costumam estar.
















FESTA NA PRAÇA >>> DANCE

Tainá _ Eu fico com vontade de ter um espaço para conversar sobre.



Jessica _ E a cidade possível é o lugar que a gente pode se expressar, pode estar sem ter receio, sem ter preocupação.



Valeria _ Como seria bom ocupar os espaços para dar aula, para fazer as atividades e a gente não tem esse lugar.



Jessica _ O quanto foi significativo... reunir com mulheres que não conheço, mas que compartilham uma cidade comigo. Fiquei pensando o quanto foi importante e o quanto é bom para a cidade e para as mulheres sentirem a experiência também de estar nesse espaço.



Luiza _ Mas eu acho importante, de certa forma, essa coragem da gente se colocar nesses lugares mesmo sabendo que existem perigos. A gente vai sempre abdicar de viver nesses espaços e criar esses momentos, pelo perigo? Infelizmente eu acho que só vivendo a possibilidade do perigo que a gente vai conquistar.



O desejo de ter um espaço na cidade que seja de ocupação feminina, que acolha e tenha mulheres diversas exercendo diferentes atividades é colocado em pauta, e ainda, a vontade de estar naquele espaço mais vezes realizando outras atividades e em horários diferentes.

Fica registrado as vontades para uma transformação urbana, um projeto de uma cidade mais feminina que começa a partir da ocupação dos corpos de mulheres em espaços públicos.

_REFLITA

O fazer na cidade, possibilitar encontros e ocupá-las permite com que a gente busque possibilidades de cidade mais viviveis. Ocupar a cidade pode ser um dos passos para sua transformação.



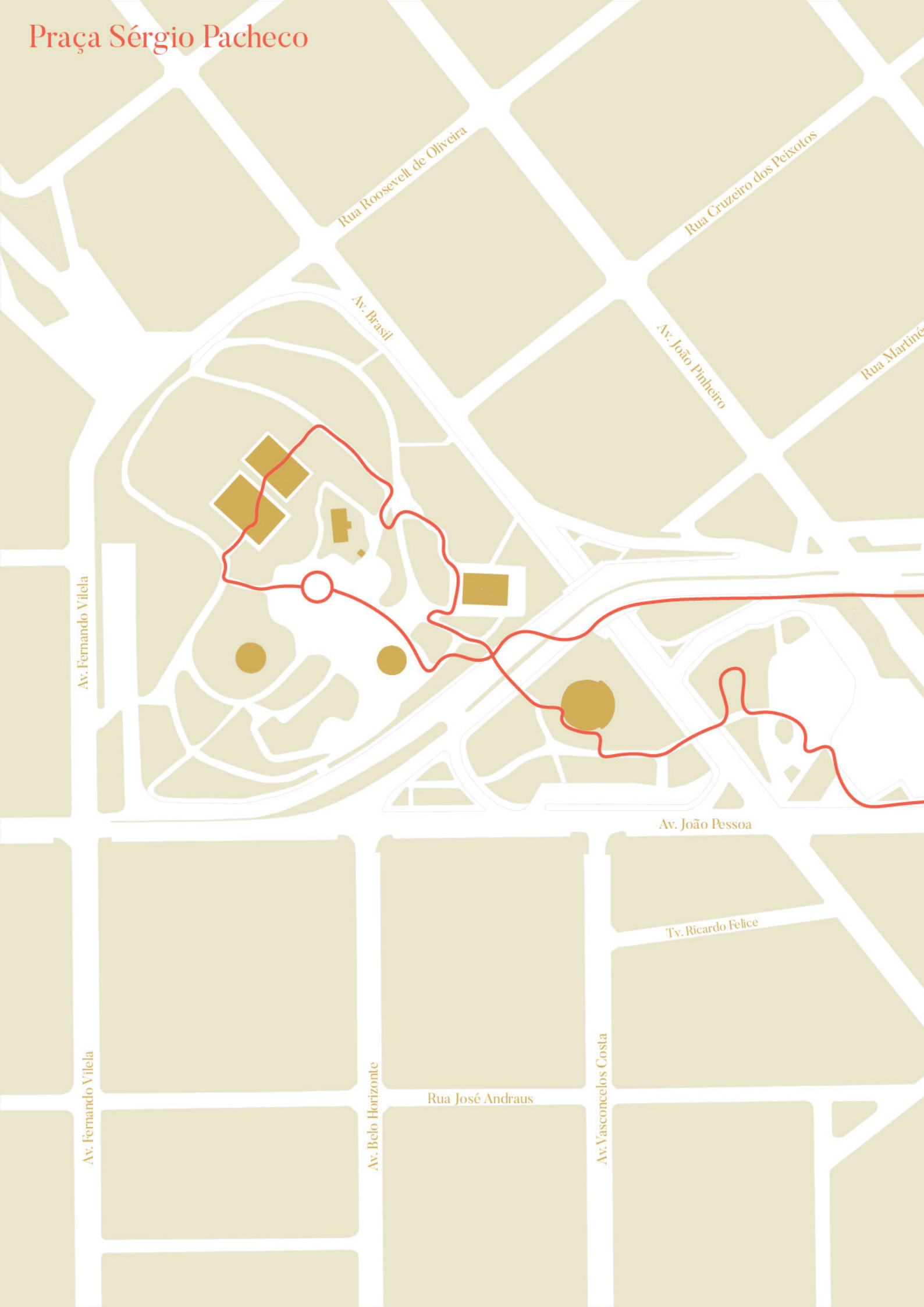
Jessica _ A cidade possível para mim seria aquela que as mulheres se sentem cada vez mais a vontade de c

Ocupantes:
Beatriz Justo, Isabela Magro, Isadora Fernandes, Jessica Gauer, Larissa Cavaton, Luiza Dalvi
Tainá Viana, Valéria, Victorya Prata.



onhecerem, conversarem e de se apropriar do espaço público, que é um espaço historicamente masculino.

Praça Sérgio Pacheco




Av. Floriano Peixoto
Av. Afonso Pena
Av. João Naves de Avila
Av. Floriano Peixoto
Rua Cel. Antonio Alves Pereira
Av. Afonso Pena
Av. João Pinheiro
Av. Cipriano Del Favero

Intervenções na praça

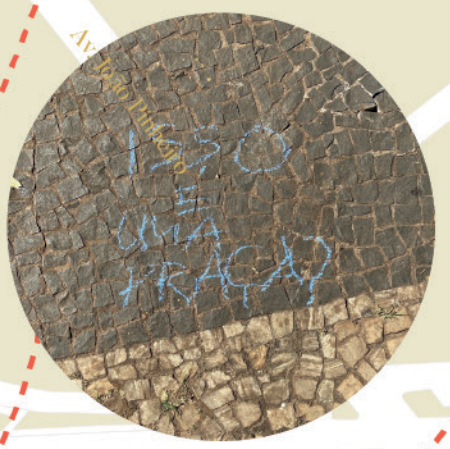




















Av. Brasil

Av. João Pinheiro

Av. Fernando Vilela

Av. João Pe

Av. Belo Horizonte

Rua José Andraus

Av. Fernando Vilela









Rua Martinésia

Av. João Naves de Avila

Av. Floriano Peixoto

essoa

Av. Cipriano Del Favero

Av. João Pinheiro

Rua Cel. Antonio Alves Pereira

Av. Afonso Pena


MULHERES OCUPAM!


Uberlândia
Viva


Uberlândia


FESTA NA PRAÇA >>> DANCE


NÃO PISE NOS OUTROS

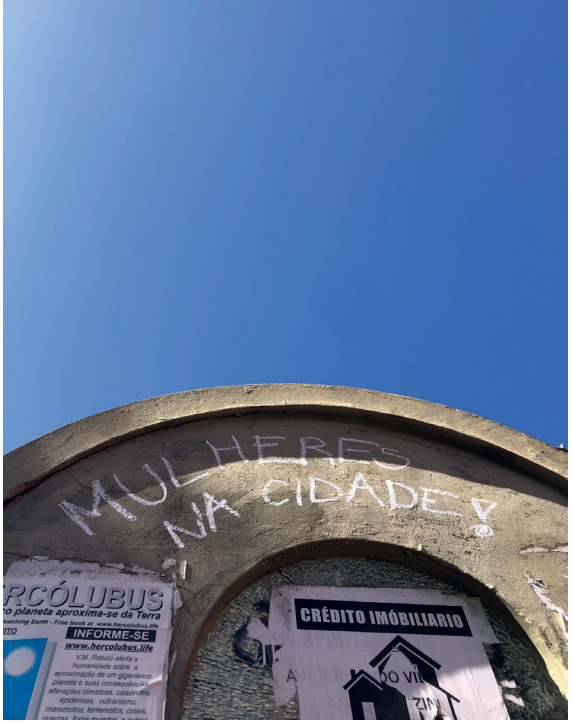

SENHORAS


DEUS É MULHER


PRECISA DE


MULHER
NA
CIDADE!


Viva


MULHERES
NA CIDADE?
CRÉDITO IMÓBILIARIO
INFORME-SE


MULHERES


PROIBIDA
A ENTRADA
DE BICICLETAS
NESTA ÁREA




MULHERES
OCUPAM



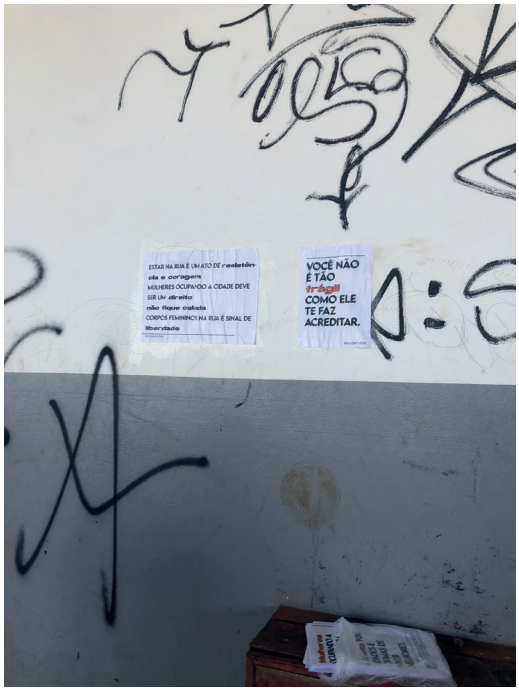

LUGAR
DE
MULHER É
NO
JOGO


mulheres
OCUPAM

LAMBES NA TEMÁTICA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER













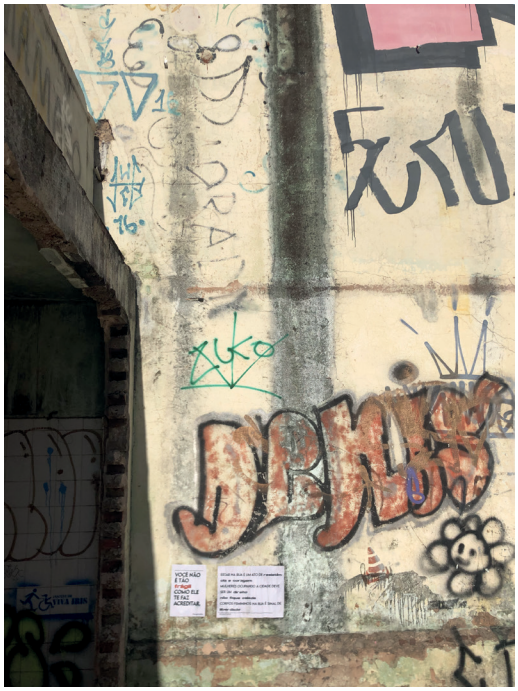





A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER É O MAL DO SÉCULO.


VOCÊ NÃO É TÃO frágil COMO ELE TE FAZ ACREDITAR.






VIOLÊNCIA
ONTRA A
ulher É
MAL DO
ÉCULO.






ESTAR NA RUA É UM
cia e coragem
MULHERES OCUPANI
SER UM direito
não fique cala
CORPOS FEMININOS
liberdade

OCUPAÇÃO NO GALPÃO























Intervenções Giovanna Andrade e Luisa Malta













Intervenções Nicole Kate





CIDADES VIVÍVEIS

Realizar uma prática como essa na cidade permite olhar para os espaços públicos contemporâneos com novas percepções e desejos, permite analisar a condição desses espaços hoje em dia e refletir sobre o futuro deles. Reflito sobre a prática pensando em algumas de suas abrangências.

O espaço público da cidade como palco da ação, local do encontro e do acolhimento à vida urbana.

Ao utilizar um espaço que não acolhe de maneira geral a vida urbana das mulheres, a ocupação permite a quem esteve presente ativamente - mulheres que participaram da ocupação -, ou a quem esteve presente como observador - outras pessoas que estavam na praça - **criar novas percepções para esse local, realizando uma ruptura no cotidiano desse espaço**. Essa ruptura possibilita uma nova leitura da praça, sugerindo que poderia abrigar mais mulheres, acolher atividades culturais e tornar-se mais vivivel para aquelas que querem e têm o direito de ocupar a cidade.

A intervenção/ocupação temporária como potência para pensar o espaço.

Reunir mulheres nesse espaço da cidade, por si só, já configura uma das intervenções desta prática. Foi um momento de possibilitar a ocupação por corpos que não costumam estar nesse espaço, por inseguranças que a cidade impõe. Foi **uma ação de subversão contra a opressão que muitos dos espaços públicos submetem as mulheres.**

Permitiu que a vivência daquele espaço, mesmo que de maneira efêmera, tenha provocado uma quebra no cotidiano para as mulheres que estavam ali presentes, por estarem mais livres em um local onde geralmente não estão, por ocuparem uma praça de forma tranquila e despreocupada e por modificar a dinâmica de um espaço público nesse período de tempo. Criou-se uma vivência diferente também para as pessoas que estavam na praça, que observaram essa presença com um olhar curioso e de estranhamento.

Além disso, as intervenções físicas efêmeras realizadas durante o trajeto na praça possibilitaram relações de proximidade e conexão com o próprio espaço. **O que antes oprimía, durante a ação acolheu as intervenções realizadas**. Essa conexão também é criada entre as mulheres que estão participando e, depois, acontecerá com quem irá ver as intervenções e sentir algo a respeito, seja estranhamento ou identificação.

As intervenções físicas realizadas, ainda que temporárias, permitem a visibilidade da ação no espaço, prolongam a duração dessa ação

e deixam marcas da passagem daquelas mulheres. De acordo com Sansão, "ser visível significa a possibilidade de operar como uma nova forma de leitura do espaço, consistindo em uma importante variável para o projeto, que pode ser considerada ou não pelos arquitetos responsáveis por pensar a cidade e o futuro dos espaços coletivos" (SANSÃO, 2011. p. 380).

Utilizar o vídeo como linguagem de representação e registro do processo da prática permitiu que ele não fosse apenas informativo, como também propositivo, visto que informa sobre as táticas possíveis para ações como essas serem replicadas. Ele possibilita autonomia para que outras mulheres possam replicar ações, imaginar cidades vivíveis e ativar outros espaços públicos em diversos lugares.

Dessa forma, as intervenções realizadas têm o **potencial de criar um espaço coletivo das mulheres,** proporcionando que elas coloquem sua identidade em superfícies que antes não as acolhiam. Pelo contrário, era um espaço que repelia sua presença. As marcas deixadas pelas mulheres dão significado à ação e aos desejos de uma cidade mais identitária para corpos femininos.

Essa ação afeta a vida urbana local, cria outras percepções de espaço e a possibilidade de desenhar outras cidades para mulheres. A continuidade dessa ação ou de ações semelhantes, como os lambes pela cidade e a ocupação no galpão, possibilitam também o encontro e a multiplicação de possíveis espaços dos corpos femininos na cidade, criando conexões e o descobrimento de outras vivências no cotidiano.

É nesse momento que olhar para outras formas de atuar na cidade tem um papel fundamental no desenrolar das experiências urbanas e no processo de formação como arquiteta e urbanista. Pensar no desenvolvimento de práticas na cidade, processos de ocupação de espaço e possibilidades de criar diferentes olhares para um espaço que oprime dá sentido à trajetória dentro do curso de graduação.

Entender que o exercer a função de arquiteta e urbanista não é propor mudanças sem olhar para o existente, sem olhar para o cotidiano, a rotina, possibilidade e a vontade de ocupação de outros grupos de determinado espaço. Faz parte atuar também como mediador dos processos de descobrimento de cidades vivíveis, de estar na cidade com mais frequência e vivenciá-la, de sentir segurança ao se deslocar e estar na cidade. **As ações possibilitam evidenciar os problemas existentes na cidade, colocá-los no centro do debate e envolver a todos – o planejador da cidade e a população – no diálogo e colaboração nos processos do projeto.** A prática realizada neste trabalho também é projeto e é permitir desenhar outros projetos de cidade pelas pessoas que a vivenciam, é o acolhimento de opiniões, é um projeto e processo participativo de se colocar como ouvinte e ocupante da cidade.

05

RE-
FE-
RÊN-
CIAS

A BATATA PRECISA DE VOCÊ. **A Batata precisa de você.** PISEAGRAMA, Belo Horizonte, sem número, 16 out. 2015. Disponível em: <https://piseagrama.org/a-batata-precisa-de-voce>. Acesso em: 08 Fev. 2022.

A CIDADE PRECISA DE VOCÊ E ESCOLA SEM MUROS (São Paulo, BR). **Arquitetura para autonomia: Ativando territórios educadores.** 1a. ed. Brasil: Grafica Forma Certa, 2019.

A CIDADE PRECISA DE VOCÊ. **Ocupe Largo da Batata: Como fazer intervenções regulares no espaço público.** São Paulo, 2014. Disponível em: https://issuu.com/laurasobral/docs/publicacaobatata-final-web. Acesso em: 08 Fev. 2022.

AKOTIRENE, Karla. **Interseccionalidade.** São Paulo: Polém, 2019. 150 p.

AMANCIO, Kerley. **Entre conquistas e disputas: trajetórias e experiências de luta das mulheres das camadas populares da cidade (Uberlândia/ MG - anos de 1980-1990)**. 2014. 147f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós- Graduação - Universidade Federal de Uberlândia.

ASENSIO, Ana. **Uma cidade coletiva é uma cidade feminista.** Archdaily, [S. l.], p. 0-0, 12 abr. 2018. Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/892431/uma-cidade-coletiva-e-uma-cidade-feminista?ad_source=search&ad_medium=search_result_articles. Acesso em: 29 mar. 2022.

BLAY, Eva Alterman. **Mulheres e movimentos sociais.** In: São Paulo em Perspectiva, 8(3), 1994, p.45-47

BRITTO, Fabiana; BERENSTEIN, Paola. **Corpocidade: arte enquanto micro-resistência urbana.** Fractal: Revista de Psicologia, [s. l.], v. 21, n. 2, p. 337-350, 2009.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: Notas para uma teoria performativa de assembleia.** 2. ed. Rio de Janeiro - RJ: Editora Jose Olympio LTDA, 2018. 266 p. ISBN 9788520013151.

CAMPBELL, Brígida. TERÇA-NADA, Marcelo. **MANIFESTO por uma cidade lúdica e coletiva. por uma arte pública, crítica e poética.** PORO, São Paulo, 2014.Disponível em: https://poro.redezero.org/arquivos/2013/10/manifesto_poro.pdf. Acesso em: 08 de fev de 2022.

CAPELLO, Maria Beatriz; PAIVA, Kauê Felipe. **Documentação dos projetos para a praça Sergio Pacheco em Uberlândia: a proposta de Ary Garcia Roza e Roberto Burle Marx.** Horizonte Cientifico, [S. l.], 12 fev. 2011. VOL 5, Nº 2 (DEZ 2011), p. 1-35.

ELLIN,Nan (org.). **Architecture of fear.** Nova York: Princeton Architectural Press, 1997. p.36

FEDERICI, Silvia. **Lutando para mudar mundo: mulheres, reprodução e resistência na América Latina**. História das mulheres, histórias feministas: antologia, São Paulo, v. 2, p. 386-403, 2019.

GUERRA, Claudia. **O avesso e o direito de uma luta por emancipação: Movimentos Femininos em Uberlândia: 1970-1990.** Orientador: Antonio de Almeida. 1992. 119 p. Monografia (Bacharelado em Historia) - Departamento de Ciencias Sociais da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 1992.

HARVEY, David et al, (org.). **Occupy: movimentos de protestos que tomaram as ruas.** São Paulo: Boi tempo: Carta Maior, 2012. 86 p. ISBN 9788575592168.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana.** Martins Fontes, São Paulo, 2014.

HOLSTON, James. **Espaços de cidadania insurgente.** Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Cidadania, Brasil, v. 24, p. 243-255, 1996.

ITIKAWA, Luciana. Mulheres na periferia do urbanismo: São Paulo, Mumbai e Durban. **Lab Cidade,** São Paulo, p. 0-0, 8 mar. 2016. Disponível em: http://www.labcidade.fau.usp.br/mulheres-na-periferia--do-urbanismo-sao-paulo-mumbai-e-durban/. Acesso em: 29 mar. 2022.

ITIKAWA, Luciana; DIAS, Gabriela; ALENCAR, Kelly; PICONI, Pauline; SANTANA, Thais. Mapeando a violência contra a mulher: a velha e a nova fronteira urbana, o corpo feminino. **Lab Cidade,** São Paulo, p. 0-0, 30 ago. 2019. Disponível em: http://www.labcidade.fau.usp.br/mapeando-a-violencia-contra-a-mulher-a-velha-e-a-nova-fronteira-urbana-o-corpo-feminino/. Acesso em: 29 mar. 2022.

KERN, Leslie. **Cidade Feminista: A luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens**. Rio de Janeiro - RJ: Oficina Raquel, 2021.

255 p. ISBN 9786586280661.

LEFEBVRE, Henry et al, (org.). **O direito à cidade.** 1. ed. São Paulo: Moraes, 1991. 145 p.

MAGNANI, Jose Guilherme; TORRES, Lilian de Lucca (org.). **Na metrópole: textos de antropologia urbana.** 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. 318 p. ISBN 9788531403569.

MERLI, Giovanna. **Lugar de Mulher é na Cidade.** 2018. Dissertação - Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Uberlândia.

MULHERIAS, Flavia. Carmen, mãe de Preta, lideres de sem-teto: por que nos querem presas. **Jornalistas Livres,** São Paulo, p. 0-0, 4 jul. 2019. Disponível em: https://jornalistaslivres.org/carmen-mae-de-preta-lideres-de-sem-teto-por-que-nos-querem-presas/. Acesso em: 29 mar. 2022.

NINJA. Las Tesis impulsiona criação do primeiro partido feminista da história do Chile. **Midia Ninja**, Chile, 3 fev. 2020. Disponível em: https://midianinja.org/news/las-tesis-impulsiona-criacao-do-primeiro-partido-feminista-da-historia-do-chile/. Acesso em: 29 mar. 2022.

ORTIZ, Beatriz. Tubal Vilela, o feminicida absolvido. **Conexões. Agência de Notícias, Uberlândia,** p. 0-0, 26 mar. 2020. Disponível em: https://www.agenciaconexoes.org/tubal-vilela-o-feminicida-absolvido/. Acesso em: 29 mar. 2022.

PAIS, Ana. Las Tesis sobre "Un violador en tu camino": Se nos escapó de las manos y lo hermoso es que fue apropriado por otras". **BBC News Mundo,** América Larina, 30 abr. 2022. Disponível em: https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-50690475. Acesso em: 29 mar. 2022.

PARKING Day. [S. l.], 2009. Disponível em: https://www.myparkingday.org/. Acesso em: 29 mar. 2022.

PERMANENT Breakfast. [S. l.], 2018. Disponível em: https://www.permanentbreakfast.org/category/international-pb-movements/. Acesso em: 29 mar. 2022.

POLIS, Instituto. **O que é direito a cidade?.** [S. l.], 12 abr. 2018. Disponível em: https://polis.org.br/direito-a-cidade/o-que-e-direito-a-cidade/. Acesso em: 29 mar. 2022.

RESENDE, João Renato. A tal da Ismene Mendes. **Brasil de Fato,** Uberlândia, p. 0-0, 24 maio 2018. Disponível em: https://www.brasildefatomg.com.br/2018/05/24/artigo-or-a-tal-da-ismene-mendes. Acesso em: 29 mar. 2022.

ROLNIK, R. **O lazer humaniza o espaço urbano**. In: SESC SP. (Org.). Lazer numa sociedade globalizada. São Paulo: SESC São Paulo/World Leisure, 2000

SANSÃO FONTES, Adriana. **Intervenções temporárias, marcas permanentes: A amabilidade nos espaços coletivos de nossas cidades.** Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: PROURB-FAU/ UFRJ, 2011.

SANTORO, Paula. **Gênero e planejamento territorial: uma aproximação.** Disponível em: http://www.abep.org.br/~abeporgb/publicacoes/index.php/anais/article/view/3378/3237. Acesso em 10 de março de 2022.

SILVA, Carla Antonio da (org.). **Território e ação social: sentidos da apropriação urbana.** Rio de Janeiro - RJ: Lamparina, 2011. 176 p. ISBN 9788598271866.

SUPTITZ, Bruna. Urbanismo voltado à mulher garante cidade mais inclusiva. **Jornal do Comércio,** Porto Alegre, 2 mar. 2021. Disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/colunas/pensar_a_cidade/2021/03/780971-urbanismo-voltado-a-mulher-garante-cidade-mais-inclusiva.html. Acesso em: 29 mar. 2022

TUBAMOTO, Fernanda. Cura: festival em BH levanta debates sobre o papel da arte urbana. **Estado de Minas,** Belo Horizonte, 18 fev. 2022. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2022/02/18/noticia-diversidade,1346007/cura-festival-em-bh-levanta-debates-sobre-o-papel-da-arte-urbana.shtml. Acesso em: 29 mar. 2022.

UBERLÂNDIA. Lei n° 5626 de 13.08.92, de 26 de agosto de 2021. Institui o Código Civil. Diário Oficial de Uberlândia, 27 de agosto de 2021.

VALERIA, Tosta. **Colagens e lambe-lambe: experiências colagísticas pela cidade.** Orientador: João Henrique Lodi Agreli. 2018. 102 p. Dissertação (Licenciatura em Artes Visuais) - Curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

VIEIRA, A. P. F. D.; ESTEVES JÚNIOR, M. **Cidade e Narrativa: Discurso e direito à cidade nos espaços opacos.** V!RUS, São Carlos, n. 17, 2018. [online] Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/virus17/?sec=4&item=5&lang=p t>. Acesso em: 08 Fev. 2022.

VIELA 4 no **Jornal da Cultura**. 30 jul. 2019. Disponível em: https://www.facebook.com/watch/?v=2362283997354317. Acesso em: 29 mar. 2022.

Imagens

Pagina 2: imagem autoral.

Página 8: Aline Reis, arquivo FLUTUA.

Mapa página 67: imagens autorais.

Mapa páginas 68-69:
1. Imagem disponível em: https://www.instagram.com/pretaemflor/. Acesso em 27 de Abril de 2022.

2. Imagem autoral.

3. Imagem disponível em: https://www.instagram.com/pretaemflor/. Acesso em 27 de Abril de 2022.

4. Imagem autoral.

5. Imagem disponível em: https://bityli.com/pZfZTr. Acesso em 27 de Abril de 2022.

6. Imagem autoral.

7. Imagem disponível em: https://www.instagram.com/graffitodas_br/. Acesso em 27 de Abril de 2022.

8. Imagem Autoral.

A partir da página 72, imagens não referênciadas são arquivo pessoal, fotos feitas por: Beatriz Justo, Isabela Magro, Aurelio Borim, Luiza Dalvi, Isadora Fernandes

MULHERES
CUFAM